

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE GRADUAÇÃO – LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL**

**PAI DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA: PARTICIPAÇÃO E OPINIÃO
SOBRE A INCLUSÃO PRÉ-ESCOLAR**

Aluno:

Aline Bianca Saladini

Orientadora: Profa. Dra. Fabiana Cia

São Carlos, janeiro de 2013.

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, a Deus pelo dom da minha vida, por Ele ter me confiado tantas bênçãos e graças durante toda a minha vida. Ele foi o meu porto seguro em todos os momentos, e com a ajuda dEle eu tive forças para chegar ao final dessa pequena jornada. O meu Deus me deu toda a força e coragem que eu precisava para ir além dos meus limites nesses quatro anos.

Agradeço aos meus pais, Silvana e Agnaldo, pelo apoio e dedicação. Ambos serão responsáveis por cada sucesso obtido e cada passo que eu der durante toda a minha vida. Obrigada por participarem comigo durante essa caminhada, me ajudando e me incentivando a construir os alicerces de um futuro que começa agora.

Ao meu namorado Gustavo, pelo apoio, carinho, amor, compreensão e dedicação durante esses anos.

À minha orientadora, Prof^a. Dra. Fabiana Cia pela amizade acima de tudo, pela paciência na orientação e incentivo que tornou possível a conclusão deste trabalho. Eu a admiro pela sua competência profissional e pela sua dedicação em tudo o que faz. Peço a Deus que te abençoe e te guie em todos os seus passos.

À Prof^a. Dra. Márcia Duarte e Prof^a. Dra. Juliane Perez de Paula Campos, pelo convívio e apoio em todos os momentos durante o curso.

As professoras do curso, que foram tão importantes na minha vida acadêmica e por tudo o que nos ensinou, que vai além da didática, ultrapassa os ensinamentos da vida.

Às funcionárias que nos ajudaram nos auxiliando sempre com total disposição.

À Prof^a. Dra. Carolina Severino Lopes da Costa e Profa. Ms. Andrea Carla Machado, por participarem da minha banca examinadora. Que Deus abençoe.

Agradeço aos meus colegas que de alguma forma me ajudaram nessa caminhada, que o Senhor Deus os abençoe e proteja, e que todos eles estejam abertos para receber das mãos de Deus as bênçãos mais lindas que Ele prepara com tanto carinho para todos nós. Sucesso e vitória a todos.

Aline Bianca Saladini

Sumário

	Páginas
Agradecimentos	02
Sumário	03
Índice de tabelas	04
Resumo	06
Introdução	07
Método	19
Resultados e Discussão	22
Considerações finais	63
Referências	65
Apêndices	71

Índice de Tabelas

	Páginas
Tabela 1. Descrição de como era a vida do pai antes da paternidade	22
Tabela 2. Situação familiar e econômica quando o pai soube da gravidez	23
Tabela 3. Acompanhamento do pai no pré-natal e da gravidez do filho	23
Tabela 4. Reação dos pais quando descobriram que o filho era deficiente	25
Tabela 5. Problemas e benefícios de ter um filho com deficiência	26
Tabela 6. Preparo dos pais para a chegada do filho em casa	27
Tabela 7. Ajuda que os pais deram após o nascimento do bebê	28
Tabela 8. Apoio que os pais receberam para cuidar do filho	30
Tabela 9. Tipo de atendimento recebido pelos pais relacionado à deficiência do filho	31
Tabela 10. Tipos de apoio que os pais receberam ao conviver com outros pais de crianças com deficiência	32
Tabela 11. Responsáveis por levar o filho ao médico	33
Tabela 12. Estratégias utilizadas pelo pai na tomada de decisões escolares do filho	34
Tabela 13. Práticas educativas paterna quando o filho se comportava de maneira errada	35
Tabela 14. Tempo que os pais ficavam em casa por dia e atividades que desenvolviam durante esse tempo	36
Tabela 15. Tempo que os pais ficavam em casa por dia com o seu filho e atividades que desenvolviam durante esse tempo	37
Tabela 16. Tipo de cuidado que os pais ofereciam ao filho	38
Tabela 17. Frequência que os pais brincavam com seu filho	38
Tabela 18. Atividades escolares que os pais realizavam com seu filho	39
Tabela 19. Atividades domésticas que os pais realizavam com seu filho	40
Tabela 20. Comportamentos do filho que deixavam os pais contentes	41
Tabela 21. Comportamentos do filho que deixavam os pais descontentes	42
Tabela 22. Comportamentos dos pais quando o filho se comportava de maneira inadequada	43
Tabela 23. Dificuldades que os pais sentiam para cuidar do filho	44
Tabela 24. Sentimentos dos participantes de serem pais de crianças com deficiência	45
Tabela 25. Influência da paternidade na vida dos pais	46
Tabela 26. Opinião dos participantes do que é ser um bom pai	47
Tabela 27. Opinião dos participantes do porque se consideravam um bom pai	48
Tabela 28. Opinião dos participantes se sentiam-se diferentes por ter um filho com deficiência	49
Tabela 29. Opinião dos participantes do que fizeram de bom para seu filho	51
Tabela 30. Opinião dos participantes do porque se consideram importantes para o filho	52
Tabela 31. Opinião dos pais sobre o papel que desempenharão no futuro do filho	53
Tabela 32. Opinião dos pais sobre a escolarização do filho	54
Tabela 33. Opinião dos pais de como era a relação com a escola do filho	56
Tabela 34. Opinião dos pais sobre o que gostariam que a escola oferecesse ao filho	57
Tabela 35. Opinião dos pais sobre a inclusão	59
Tabela 36. Opinião dos pais se eles matriculariam seus filhos em uma escola	60

comum

Tabela 37. Opinião dos pais sobre a idade que matriculariam os filhos na escola comum 60

Tabela 38. Senso de competência paterno 62

Resumo

Na idade pré-escolar, o papel da família é muito importante. Isso porque nesta faixa etária, as crianças passam a frequentar a escola e a interagir em outros ambientes, necessitando de um maior apoio das pessoas que mantêm um vínculo mais estreito, normalmente pai e mãe. Quando se trata de uma família que tem uma criança com deficiência, os cuidados e o tempo que ambos os pais despendem aos filhos normalmente é maior. Sabe-se que os homens estão cada vez mais envolvidos nos cuidados com os filhos e que seu papel tem impactos significativos no desenvolvimento infantil, mas ainda existem poucas pesquisas que abordaram tal envolvimento. Assim, os objetivos deste estudo foram: (a) descrever o papel paterno de crianças pré-escolares com deficiência; (b) analisar a opinião do pai sobre a inclusão pré-escolar e (c) identificar o senso de competência parental de pais de crianças pré-escolares com deficiência. Participaram do estudo 10 pais (homens), com média de idade de 37 anos. Todos os participantes estavam casados ou viviam como casados. A renda familiar, avaliada pela renda mensal, era de média e média baixa. Tais pais tinham filhos com média de idade de quatro anos e meio, variando entre três e seis anos de idade. Em relação à deficiência, quatro crianças tinham síndrome de Down, duas crianças tinham deficiência intelectual, uma criança tinha mielomeningoceli, uma criança tinha problemas de desenvolvimento decorrentes de anoxia, uma criança tinha deficiência visual e intelectual e uma criança tinha síndrome de Stickler. Dentre as 10 crianças, sete estudavam um período na instituição de ensino especial, sendo que quatro delas também estudavam na escola comum, no período oposto (duas em escolas particulares e duas em escolas públicas). Três crianças estudavam apenas na escola comum. A coleta de dados com os pais ocorreu em instituições de ensino especial e/ou educação infantil, localizadas em um município de médio porte do interior do estado de São Paulo. Para responder aos objetivos, os pais foram entrevistados com base nos seguintes instrumentos: *Roteiro de entrevista de caracterização do papel do pai brasileiro na educação da criança com deficiência* e a *Escala de senso de competência parental*. Os dados coletados foram quantitativos e qualitativos. Com os dados quantitativos foram calculadas médias e com os dados qualitativos foram realizadas análises de conteúdo. No que se refere ao primeiro objetivo, nota-se que os pais dessa amostra relataram ter um alto envolvimento nas atividades e nos cuidados com seus filhos. A maioria dos pais participava das atividades diárias e de lazer dos filhos, mas apontou uma alta participação das mães também. Por exemplo, 90,0% dos pais apontaram que o nascimento do filho com deficiência não trouxe problemas, 50,0% dos pais apontou que recebeu apoio da família para cuidar do filho, 70,0% dos pais disseram que participavam de alguma atividade escolar do filho, 80,0% dos pais apontaram que não tinham qualquer dificuldade em cuidar do filho e a maioria dos pais apontou vivências/experiências positivas da paternidade. Quanto à opinião dos pais sobre a inclusão do filho, notou-se que a maioria deles era a favor de matricular seus filhos na pré-escola comum. De fato, 70,0% dos pais disseram que seus filhos eram matriculados na escola comum. Além disso, 40,0% dos pais apontaram que a inclusão era importante para o desenvolvimento/socialização da criança, 70,0% dos pais opinaram sobre o que a escola deveria fazer para seu filho, no que diz respeito a ter uma inclusão mais efetiva e, por fim, 40,0% dos pais estavam contentes com a escolarização do filho. Em relação à competência parental, os pais tiveram um senso de mediano a mediano alto. Nota-se que os pais desta amostra estão se comportando como é esperado pela nova paternidade, ou seja, não estão apenas sendo provedores financeiros, mas participando dos cuidados e das atividades com o filho.

Palavras-chave: Educação Especial, Pai, Deficiência, Pré-escolar, Inclusão.

Introdução

A presente pesquisa trabalha com a temática de família das crianças com deficiência, especificamente do papel paterno de crianças com deficiência e sua opinião sobre a inclusão na idade pré-escolar. Assim, a presente revisão de literatura e teórica conterà as seguintes partes: (a) família de pessoas com deficiência; (b) o papel paterno e (c) educação infantil inclusiva.

Família de pessoas com deficiência

A família tem um papel essencial para o desenvolvimento da criança. Sem o afeto e o cuidado de um adulto, a criança não desenvolve a sua capacidade de confiar e de se relacionar com o outro (BEE, 2008). As interações sociais estão presentes e são importantes na vida da criança logo nos primeiros momentos. Diante dessas interações, as crianças logo cedo já se deparam com a diversidade, com as diferenças entre o pai e a mãe, por exemplo, diferenças entre os demais membros da família, os quais fazem parte do convívio da criança. Na escola pode-se ver essa demanda de diversidade bem claramente, nas ideias, nos costumes, nas crenças e no modo de vida. É a partir dessas experiências de diferenças que as crianças se socializam e aprendem a conviver com o outro, contribuindo diretamente para o seu desenvolvimento socioemocional.

A família é o primeiro ambiente onde a criança vive, sendo a base para o aprendizado de valores morais e dos comportamentos. Por meio de diferentes mecanismos, os pais moldam os comportamentos dos filhos (recompensa, castigo, modelação e outras formas de interação com a criança), ou seja, a família vai moldando as características psicológicas do indivíduo (COLL; MARCHESI; PALACIOS, 2005; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005; DESSEN; COSTA, 2005). A família também é um contexto de socialização especialmente relevante para a criança, já que durante muitos anos é o principal ambiente no qual ela cresce (GOMIDE, 2004; WEBER, 2008). A família transmite valores, atitudes, cultura, conhecimento e habilidades para a vida, com base na maneira como oferece suporte emocional, social e financeiro para as crianças (DESSSEN; SILVA, 2004). Sendo que quanto mais frequente e de qualidade for a relação estabelecida entre pais e filho, melhor será o desenvolvimento da criança (CIA, 2009).

No entanto, para estudar as interações familiares deve-se considerar que a família passa por constantes modificações, tanto nas suas interações quanto na sua estrutura. Por exemplo, os pais estão trabalhando mais tempo do que antigamente e as

práticas parentais se modificaram. No entanto, mais importante do que as mudanças são as relações estabelecidas entre os membros familiares (DESSEN; COSTA, 2005).

Por exemplo, Simionato-Tozo e Biasoli-Alves (1998) realizaram uma pesquisa com o objetivo de investigar o dia a dia de 15 famílias e os relacionamentos entre pais e filhos, comparando o relacionamento em duas gerações. Os resultados foram subdivididos de acordo com as gerações, por exemplo, como era a infância dos pais antigamente e como a mesma hoje vivenciada pelos filhos. Na época que os pais eram crianças, a rotina familiar era diferente da que os filhos deles vivem hoje, por exemplo, as crianças tinham que ajudar os pais nos serviços da casa, elas iam para a escola, e a noite quem tinha televisão em casa, essa seria a principal atividade que reunia a família, enfim uma rotina tranquila. Já, na infância dos filhos, notaram-se modificações, iniciando pela alta demanda de atividades das famílias de hoje em dia, pois os pais, na maioria das vezes, trabalham fora, os filhos ficam na escola por mais tempo, fazem cursos em horários alternados da escola, atividades extras que antigamente não se tinha, por consequência, as famílias estão passando pouco tempo juntas.

Além dessas mudanças na rotina familiar, têm-se constantes mudanças nas estruturas familiares, como por exemplo, o aumento de famílias re-casadas ou monoparentais (DESSEN; COSTA, 2005). Quando se trata de famílias que têm filhos com deficiência, para além dessas transformações que a família passa, tem-se a maior dedicação e por mais tempo que os pais têm que assumir com os filhos (DESSEN; SILVA, 2000).

Assim, é importante para as famílias das crianças com deficiência que os profissionais ofereçam um suporte emocional para elas. É comum as instituições trabalharem apenas com o deficiente, com isso falta o apoio, um olhar diferente a essas famílias. A relação do profissional com a família é de grande valia, sendo que os profissionais podem orientar as pessoas do convívio do deficiente, como por exemplo, estimular os pais para que eles incentivem a independência dos filhos. Essa ajuda permite aos pais pensarem positivamente no desenvolvimento de seus filhos. Segundo Silva e Mendes (2008), o trabalho em grupo com a família e com vários profissionais capacitados para atuarem com pessoas deficientes, é de grande importância para o melhor desenvolvimento dessas pessoas, obtendo maior sucesso nos trabalhos realizados com as mesmas.

É importante frisar os sentimentos de ambos os pais ao terem um filho com deficiência. Para Fiamenghi e Messa (2007), há uma expectativa dos pais em relação à

criança antes mesmo dela nascer. Os pais projetam o futuro dos filhos e os idealizam. Quando nasce uma criança com deficiência, logo essas expectativas são frustradas e há um impacto nessa família que estava esperando o nascimento de uma criança sem deficiência. Para essa família, o medo e a insegurança são sentimentos que tomarão conta deles por determinado tempo, e nesse tempo vão sendo feitas adaptações dos pais com a criança conforme sua deficiência. Trata-se de uma convivência com sentimentos positivos e negativos, sendo o estresse uma situação normal e presente na maioria das famílias (SILVA; DESSEN, 2001). Além disso, os sentimentos ambíguos são muito presentes nessas famílias e o processo de adaptação para os pais é constante em cada etapa da vida do filho (PANIAGUA, 2004).

Para Góes (2006), em um primeiro contato com o filho, os pais podem se sentir frágeis frente a essa situação de que o filho que eles tanto planejavam e projetavam não se confirmou na realidade. É como se fosse a morte de um filho idealizado, assim sentimentos de estranhamento, medo, descobertas, insegurança tomam conta dos pais. Tais sentimentos são agravados, uma vez que a sociedade que vivemos valoriza a capacidade de autonomia dos indivíduos, a partir daí os pais podem se sentir mais inseguros e preocupados ao pensar sobre o futuro do seu filho, como por exemplo, no ambiente de trabalho que o filho estará inserido.

Brunhara e Petean (1999) realizaram um estudo com 25 mães, dessas 21 tinham filhos com deficiência ou anomalia genética, as outras estavam sendo encaminhadas para diagnósticos de possíveis descendências de risco. O objetivo da pesquisa foi compreender as reações, os sentimentos e as expectativas dos pais diante da deficiência do filho. As mães, em um primeiro momento, tinham sentimentos de culpa, tristeza, independente da doença ou deficiência de seus filhos. Além disso, muitas mães tinham falta de conhecimento sobre a deficiência do filho, negação quanto à deficiência do filho, uma busca pela cura, mesmo sabendo de sua gravidade.

Silva e Dessen (2002), ao desenvolverem um estudo de revisão de literatura sobre famílias de crianças com síndrome de Down apontaram que o papel dos pais e dos mais próximos à criança é de grande importância, a partir do primeiro momento de vida da criança, pois são por meio desses primeiros contatos da família com a criança que eles vão começando a se adaptar a ela. E, a partir daí, é fundamental que a família ofereça um ambiente exploratório, estimulante à criança, pois esse contribuirá fortemente para um bom desenvolvimento da mesma. Destaca-se, também, o estresse que afeta essas famílias, e normalmente atinge mais as mães que os pais, por conta da

maior responsabilidade que a mãe acaba tendo sobre o filho. A depressão nesses lares costuma ser mais elevada, levando ao comportamento de instabilidade emocional dos mesmos.

Nesta direção, um estudo realizado com 75 mães de crianças com deficiência e mães com filhos de desenvolvimento típico, teve por objetivo analisar o nível de estresse e sua relação com o suporte social entre as mães e se a deficiência em casa tem ou não alguma ligação com esse estresse. Utilizaram-se como instrumentos questionários que avaliaram o suporte social, o estado emocional, a vida social e o nível de estresse. Um dos resultados obtidos nesse estudo foi que a maioria das participantes não trabalhava fora do lar e tinha três ou mais filhos. As mães das crianças com deficiência enfrentavam um pouco de dificuldade, porque muitas delas tinham filhos com maior dependência para realizar atividades de vida diária. Setenta e cinco por cento das mães apresentavam estresse de um nível moderado, sendo que as mães de crianças com deficiência necessitavam de mais suporte social em relação às mães de crianças com desenvolvimento típico, pois não tinham as mesmas oportunidades de tempo, de disposição para a dedicação às suas relações sociais. Conclui-se que, se essas mães não tiverem apoio, ajuda, poderão ter um aumento no nível de estresse, incluindo o desenvolvimento de doenças desencadeadas pelo mesmo. Dentre essas ajudas, a compreensão da família, dos amigos, da escola, tem muita importância para a vida dessas mães (MATSUKURA et al., 2007).

O cuidar de um filho que tem deficiência pode ser diferente do que cuidar de um filho sem necessidades especiais? Diante disso, Souza e Boemer (2003) realizaram um estudo que teve por objetivo relatar como é o cuidar de alguns pais para com seus filhos que tem deficiência. Foram feitas 22 entrevistas com ambos os pais de crianças com deficiência intelectual. Para o andamento dessa pesquisa, alguns aspectos foram ressaltados, como a deficiência como possibilidade que desumaniza, o acesso à possibilidade do ser com a pessoa com deficiência intelectual, o apego ao filho como fonte de desenvolvimento e o pai participando do cuidado do filho com deficiência. Como resultados têm-se que há um estranhamento nas condições dos pais, por exemplo, o contato com o incomum, o lidar com a diferença, em que muitas vezes não há um conhecimento profundo sobre a deficiência do filho. A maioria dos pais se sentia inferior sobre o assunto, mantendo uma relação de subordinação com os profissionais ao se tratar da necessidade especial do filho. Nos relatos também percebe-se que os pais (homens) de filhos deficientes tinham como objetivo cuidar tanto quanto as mães. O pai

tem um papel relevante na relação com a mãe e o filho, pois pode amenizar a função da mesma, na qual a sociedade impõe que seria o cuidar, aumentando a possibilidade de uma divisão de tarefas mais igualitárias entre os cuidadores (SILVA; DESSEN, 2001).

O papel paterno necessita ser mais evidenciado, além das necessidades de ter maior número de pesquisas que foquem no pai e na sua importância para o desenvolvimento infantil, a fim de que as intervenções também tenham o pai como um objetivo e não apenas a mãe, como ocorre normalmente. Diante disso, o próximo tópico abordará pesquisas que enfatizaram o papel paterno.

O papel paterno

Quando se fala do papel do pai, logo se pensa em trabalho fora do ambiente familiar e, na maioria dos casos, a mãe fica com a responsabilidade de cuidar da criança. Com isso, se prevalece um estereótipo negativo sobre o papel do pai nessa família. A mulher/mãe acaba assumindo mais essa responsabilidade porque tem melhor repertório de habilidades sociais e habilidades motoras finas, as quais as capacitam a exercer a maternidade. Assim, se inicia uma diferença de gêneros, em que na maioria das vezes, o pai exerce maior influência nos aspectos de socialização, particularmente sobre os filhos do sexo masculino. A mulher, por sua vez, tem mais facilidade de entender as expressões faciais do bebê, tem facilidade de acalmá-lo, e os homens ao contrário têm tendências para interagir com crianças mais velhas, a qual é mais fácil fazer brincadeiras e ter uma comunicação mais avançada do que a de bebês. No entanto, apesar de as mulheres ainda serem as principais responsáveis pelos cuidados com os filhos, ao longo do tempo, a participação paterna vem aumentando, considerando tanto os cuidados com os filhos, quanto uma divisão maior de trabalhos no contexto familiar, tornando menores as dificuldades enfrentadas por casais que ambos trabalham fora (LEWIS; DESSEN, 1999).

Segundo Lamb et al. (1987), o envolvimento paterno possui quatro componentes: (a) engajamento paterno (compreende todos os comportamentos paternos de interação direta com os filhos); (b) acessibilidade ou disponibilidade a criança; (c) responsabilidade pelos cuidados da criança; (d) modelos de recursos para envolvimento paterno, como: motivação, habilidade e autoconfiança; suportes sociais (que envolve características da relação marital e da mãe da criança); práticas institucionais (emprego do pai, conflitos trabalho-família e política empresarial).

Gomes e Resende (2004) realizaram um estudo com dois pais, a fim de criar espaço exclusivo para eles se manifestarem, dar-lhes voz, envolvê-los em suas próprias tramas, convidando-o a percorrer sua trajetória paterna. A entrevista captou o sentimento que acompanhava o desconforto, reconhecendo que seus pais tiveram dificuldade para deixar fluir e circular o afeto que, certamente, eles nutriam pelos filhos. O relacionamento frio fez parte da infância e da adolescência deles, e os fez desejar um pai diferente e idealizado. A mulher, por sua vez, dona de casa, que apenas cuidava da família e exercia o papel de protetora, também se desvanece para dar lugar à companheira que, mesmo envolvida emocionalmente com os filhos, pode desincumbir-se do peso da excessiva presença materna. Desse modo, acima da preocupação em manter atitude contrária a de seus pais, observa-se a necessidade de falar do pai, amoroso, atencioso e presente e, principalmente, capaz de aproximar-se fisicamente do filho, levando a idealizar um pai mais tolerante e afetuoso, e a se proporem assumir este lugar.

Freitas, Coelho e Silva (2007) realizaram um estudo sobre o sentimento do homem de ser pai, suas novas responsabilidades, novos sentimentos e a mudança do ser filho para ser o pai. Foram investigados 10 homens, os quais tinham mais de um filho e moravam com eles. Diante desse estudo viu-se que o sentimento da paternidade é tido com início desde a notícia da gravidez até o processo vivido a partir dela, assim esses pais revelaram que a paternidade foi uma experiência social significativa de satisfação, bem-estar e afeto pela parceira, sendo vivido como um momento especial. Desse modo, a participação do homem na gravidez faz ele se sentir parte do processo e isso se reflete na qualidade de vida do casal, possibilitando relações menos conflituosas também com a mulher. Por outro lado, essa concepção de paternidade pode apresentar-se desvinculada da gravidez, parecendo ser um papel materno, sendo o filho, nessa fase propriedade exclusiva da mulher que o “gera”. Assim, a experiência da gravidez é vivida como um processo imaginário para o pai, no qual o parto representa a mudança radical: o ser pai nasce com o filho. Conclui-se que os sentimentos do pai podem ser concebidos e vividos como um direito e um dever. Direito do homem, para expressar seus sentimentos e dever, pela necessidade do filho de ter um pai participativo dos cuidados e da afetividade e pela necessidade de divisão de tarefas entre homens e mulheres.

Neste mesmo sentido, pesquisadores fizeram um estudo com o objetivo de observar as expectativas e sentimentos dos pais antes e depois da gestação, e investigar

a experiência da paternidade. Foram feitas entrevistas individuais com 20 pais homens a fim de investigar as percepções deles a respeito da gestação da sua esposa, seus sentimentos sobre a paternidade e suas expectativas em relação ao bebê. Logo quando o bebê completava dois meses, realizava-se outra entrevista para identificar como estava sendo a experiência de ser pai, quais mudanças estavam acontecendo após o nascimento do bebê e como era a participação desses pais nos cuidados com os filhos. Por meio dos resultados, algumas expectativas e sentimentos dos pais foram revelados, como o desejo de ter um filho antes mesmo de suas esposas engravidarem, preocupação com a gravidez e com o parto. Eles se preocupavam com a saúde do bebê, e grande parte dos pais imaginava características do bebê antes dele nascer. Algumas mudanças emocionais durante a gestação também ocorreram com esses pais, pois eles adquiriram uma sensibilidade para lidar com as pessoas e, principalmente, com a esposa. Os resultados mostraram que todos os pais estavam se envolvendo de alguma forma nos cuidados básicos do bebê. Quanto às expectativas em relação ao papel paterno, foi de grande satisfação para esses pais (KROB; PICCININI; SILVA, 2009).

Segundo Diniz (1999), os papéis paternos e maternos também vêm se alterando ao longo do tempo. Antes, somente os pais trabalhavam fora e as mães ficavam em casa cuidando dos filhos, dos afazeres da casa, e hoje isso modificou totalmente, tornando-se mais comum encontrar famílias cujos pais e mães trabalham fora, seja por uma demanda financeira ou por uma realização profissional.

Mesmo com tais mudanças, por exemplo, quanto ao tipo de envolvimento e tempo que passam com os filhos, sabe-se que a divisão de tarefas entre pais e mães normalmente não é igualitária, sendo que as mulheres ainda continuam sendo as principais responsáveis pela educação e cuidados com os filhos (BERTOLINI, 2002; CIA; PAMPLIN; WILLIAMS, 2008; DESSEN; SILVA, 2004). Principalmente, em casos de famílias de crianças com deficiência as mães normalmente são as que assumem a total responsabilidade pelos cuidados com os filhos, tendo que muitas vezes abdicar das suas atividades pessoais e profissionais para se dedicar exclusivamente a família (LAMB; BILLINGS, 1997; MARTINS; PIRES, 2008; PANIAGUA, 2004). Além disso, sabe-se que pais e mães se envolvem em atividades diferentes e com tempo de dedicação diferente com os filhos (BERTOLINI, 2002).

Neste sentido, foi realizado um estudo com o objetivo de descrever a qualidade e a quantidade de estimulação e apoio que os pais oferecem para o filho no ambiente domiciliar, a autoestima do pai, o nível de estresse e à divisão do trabalho doméstico.

Os participantes foram 13 homens, com idade média de 34 anos, com nível socioeconômico baixo e pouca escolaridade, tinham filhos com deficiência intelectual estudando em escolas especiais públicas na faixa etária de dois a quatro anos. Em relação às mães, a idade média delas era de 32 anos e poucas trabalhavam fora do lar, assim dedicando-se mais aos cuidados do filho e da casa. A ocorrência de impactos mais descritos pelas famílias envolvia o diagnóstico da deficiência da criança. Em relação à divisão de tarefas, as mães realizavam a maioria das tarefas domésticas, incluindo o cuidado da criança, e cinco dos pais disseram que ajudavam nas tarefas domésticas quando a mãe solicitava ou estava ausente. Todos os pais mostraram ter algum índice indicativo de estresse pela presença da criança com deficiência e também uma boa autoestima. Este estudo também mostrou que o tempo que os pais gastam com seus filhos deficientes pode ser considerado significativo: sete entre 11 pais gastavam mais de seis horas diárias com eles (SILVA; AIELLO, 2009).

Nunes, Silva e Aiello (2008) fizeram um estudo com 13 pais de crianças com deficiência intelectual, a maioria deles com baixo nível socioeconômico e baixa escolaridade. Juntamente com os pais, participaram os irmãos dessas crianças, sendo que os irmãos com desenvolvimento típico eram mais jovens em relação aos irmãos com deficiência, com diferença de idade de até cinco anos. De modo geral, os pais classificaram-se como bons pais e consideraram um papel importante da vida da criança. O papel do pai é de extrema importância na vida do filho, pois juntamente com a responsabilidade que a mãe exerce, eles se tornam mais participantes da vida da criança, conseqüentemente mantêm uma relação mais próxima do filho. E essa divisão de responsabilidades do pai com a mãe em cuidados com o filho, trás mais segurança a ambos, pois um pode contar com a ajuda do outro, não sobrecarregando somente a mãe ou o pai. Já, em relação ao papel do irmão, eles relataram que muitas vezes assumem o papel de cuidador, e os sentimentos mais presentes neles são de contradição e confusão, uma vez que essas experiências que os irmãos de indivíduos com deficiência têm, são parecidas com as dos pais, como medo, raiva e culpa. Relatos dos irmãos de indivíduos com deficiência mostram que os mesmos são afetados por preocupações que desenvolvem acerca do irmão deficiente, e muitas vezes, é difícil de aceitar plenamente a situação.

Canho, Neme e Yamada (2006) conduziram um estudo com o objetivo de investigar as vivências emocionais de pais diante do diagnóstico de deficiência auditiva de seus filhos e identificar os sentimentos que eles têm em relação à deficiência da

criança. O estudo foi realizado com 12 pais de crianças com deficiência auditiva, com idades de 25 a 38 anos, contendo nessas entrevistas 16 questões que baseavam-se nos sentimentos do pai diante o início do diagnóstico da deficiência, a maneira como foi lidar com essa experiência nova, como é a comunicação do pai com a criança, quais as expectativas que o pai tem em relação ao futuro do filho, e como seria o relacionamento do pai com a família. Dos 12 pais, oito tinham filhos com deficiência congênita e quatro deles com deficiência adquirida (severa a profunda). Os pais relataram que houve sentimentos de choque e decepção, como reações principais no início do diagnóstico. Em relação à divisão de tarefas em casa, seis pais mostraram-se poucos envolvidos nos afazeres de casa por conta do trabalho, assim sobrecarregando a responsabilidade da mãe. Por meio desse estudo percebeu-se que há várias dificuldades enfrentadas por esses pais, sendo uma delas a falta de instrução sobre como lidar com o diferente.

O papel paterno torna-se mais importante considerando que várias pesquisas mostram que o envolvimento dos pais nas atividades dos filhos e o apoio emocional paterno são importantes para o desempenho acadêmico, o desenvolvimento cognitivo e socioemocional dos filhos (CIA; WILLIAMS; AIELLO, 2005; DUCH, 2005; LAMB, 1997; LEWIS; DESSEN, 1999).

Além disso, sabe-se que os pais são figuras importantes para facilitar o processo de inclusão da criança, pois uma inclusão efetiva depende da escola, da comunidade e do envolvimento familiar. Assim, o próximo tópico do estudo tratará da educação infantil e da inclusão.

Educação infantil inclusiva

A história da educação especial começou a ser traçada por médicos e pedagogos que passaram a acreditar nas possibilidades de educar indivíduos que eram considerados ineducáveis. Essas pessoas eram segregadas da sociedade, e esta acontecia sob o argumento de que seriam melhores atendidas se fossem escolarizadas em classes ou escolas especiais. Com o passar do tempo, a educação especial foi se constituindo como um sistema paralelo ao sistema educacional em geral, surgindo um movimento para a integração escolar (MENDES, 2010).

Na década de 1960, a sociedade se sensibilizou sobre o prejuízo da segregação e da marginalização desses indivíduos. Esse movimento se alicerçou por meio de uma proposta de integração com o objetivo de que todas as crianças com deficiências teriam o direito de participar de todas as atividades acessíveis para as demais crianças. Os pais

e profissionais também passaram a exercer pressões na sociedade, a fim de garantir os direitos fundamentais das crianças com deficiência e evitar discriminações, com o objetivo também de retirar essas pessoas das instituições e inseri-las na comunidade (MENDES, 2010).

A proposta de integração esteve presente até a década de 1990, quando surgiu o paradigma da inclusão. Aproximadamente, em meados da década de 1990 surge então, o termo educação inclusiva, que foi uma proposta de inclusão social que implicaria na construção de um processo para as pessoas excluídas da sociedade, a fim de efetivar o objetivo de oportunidades para todos. Trata-se então, de um movimento contra a exclusão social que historicamente vem tendo a proposta de direito ao acesso aos recursos e serviços da sociedade (MENDES, 2010).

Há pouco mais de 100 anos foi introduzida nos países europeus, no Brasil, décadas depois, a lei da obrigatoriedade escolar, que tinha como objetivo, a escolarização para todas as crianças. Porém, na prática, as crianças com deficiências não tinham direito nem a obrigatoriedade de frequentar uma escola pública. Sendo assim, eram consideradas “não educáveis”, e devendo ficar em casa ou em instituições especiais. Portanto, a escola pública não era para todos (BEYER, 2005). Quando se fala em inclusão escolar, tem-se que a mesma deve iniciar o mais breve possível, já na educação infantil (BRASIL, 2008).

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 1996).

Um marco histórico facilmente identificável é o da Constituição Brasileira em 1988, em que a educação infantil passa a ser reconhecida como direito da criança de zero a seis anos, de todas as crianças brasileiras, independentemente de gênero, cor, credo político ou religioso, estilo de organização familiar, proveniência social, cultural e regional (BRASIL, 1988).

Segundo a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008), é na pré-escola que o lúdico está muito presente e a importância de estímulos nos aspectos físicos, emocionais, cognitivos e sociais e a convivência com as diferenças, favorecem as relações interpessoais, o respeito e a valorização da criança.

Os benefícios da inclusão na educação infantil são apontados em diversos estudos, no entanto, ainda se vê poucas crianças em idade pré-escolar incluídas (BUENO; MELETI, 2011). Anhão, Pfeifer e Santos (2010) realizaram uma pesquisa com o objetivo de observar as interações sociais de crianças com síndrome de Down e crianças com desenvolvimento típico no processo de inclusão. A pesquisa foi realizada na rede comum de Educação Infantil, em um município de médio porte no interior do estado de São Paulo. Foram analisadas por meio de filmagens seis crianças com síndrome de Down (na faixa etária de três a seis anos) e seis crianças com desenvolvimento típico, sendo que todas estavam na mesma sala de aula. As crianças foram observadas na sala de aula e no ambiente externo. Pode-se verificar que existiam poucas diferenças nos comportamentos apresentados pelo grupo de crianças com síndrome de Down e pelo grupo de crianças com desenvolvimento típico. As diferenças entre os dois grupos de crianças mostraram que as com síndrome de Down imitavam mais as crianças de desenvolvimento típico, dependendo mais de uma maior iniciativa, por exemplo, nos primeiros contatos sociais. As semelhanças estavam relacionadas às interações com os objetos, entre si, com a professora.

No entanto, para ter uma inclusão efetiva, muitas vezes, a escola precisa modificar suas práticas. Sekkel, Zanelatto e Brandão (2010) realizaram um estudo com o objetivo de conhecer os ambientes inclusivos na educação infantil. A pesquisa foi desenvolvida numa escola municipal de Educação Infantil na cidade de São Paulo, reconhecida como uma escola de qualidade pela comunidade. Foram feitas observações semanais, com o objetivo de conhecer o ambiente institucional. A partir das observações realizadas, viu-se que há desigualdades no tratamento junto às crianças, e a concepção de inclusão se restringia ao atendimento de crianças deficientes, enquanto as necessidades das demais crianças e dos profissionais que trabalhavam na escola eram muitas vezes desconsideradas. Percebeu-se também que as professoras não acreditavam na possibilidade de discutir as questões presentes no dia a dia e encaminhá-las em parceria com outros profissionais da escola, facilitando o isolamento e a repetição de ações de forma não planejada adequadamente. Foi analisado o projeto político pedagógico da escola, que é o mesmo há vários anos e sua autoria é desconhecida pela escola, não havendo modificações por conta das práticas inclusivas.

Assim, para se ter uma inclusão efetiva é importante que a família também se sinta incluída, tendo um trabalho colaborativo entre todos: escola, família e comunidade (FONTES, 2009). Muitos pais temem em matricular seus filhos com deficiência na rede

comum de ensino, por acharem que os mesmos não serão bem cuidados, que suas necessidades não serão atendidas e que sofrerão preconceitos (PANIAGUA, 2004). Assim, as pré-escolas precisam oferecer um ambiente acolhedor para as famílias, a fim de que as mesmas passem a ter confiança nas práticas educativas. Quanto maior for o envolvimento dos pais na escola e nas atividades que os filhos realizam em casa, melhor será o desenvolvimento da criança com deficiência.

Desse modo, torna-se importante investigar como ocorre o envolvimento paterno de crianças com deficiência, assim como qual a opinião desses pais sobre o processo de inclusão na idade pré-escolar. Soma-se o fato que o papel do pai está em constante transformação, pois os mesmos estão assumindo com maior frequência, responsabilidades pelos cuidados e pela educação dos filhos. Além disso, aumenta o número de mães que ingressam no mercado de trabalho, o que possibilita esse maior envolvimento paterno.

Apesar de as pesquisas mostrarem um maior envolvimento da mãe nos cuidados e na educação dos filhos com deficiência, quando comparadas com os pais, ainda se tem poucas pesquisas para ouvirem esses pais e descrever o seu papel. Assim, os objetivos deste estudo foram: (a) descrever o papel paterno de crianças pré-escolares com deficiência; (b) analisar a opinião do pai sobre a inclusão pré-escolar e (c) identificar o senso de competência parental de pais de crianças pré-escolares com deficiência.

Método

Participantes

Participaram do estudo 10 pais (homens), com média de idade de 37 anos, variando entre 23 e 46 anos. Todos os participantes estavam casados ou viviam como casados. Dos 10 participantes, sete eram pais biológicos, dois eram pais adotivos e um era avô (que era responsável pela criança). Quanto ao nível de escolaridade, 20% dos pais tinham o ensino fundamental incompleto, 10% dos pais tinham ensino fundamental completo, 40% dos pais tinham ensino médio completo, 10% dos pais tinham ensino superior incompleto e 20% dos pais tinham ensino superior completo. A renda familiar variou entre R\$540,00 e R\$4000,00, sendo que em média, as famílias tinham renda mensal de R\$1674,00 (considerando o salário mínimo vigente, recebiam aproximadamente três salários mínimos). Dois pais tinham mais de um filho com deficiência. No entanto, não tinham pais com duas crianças com deficiência na faixa etária de zero a seis anos.

As crianças tinham em média quatro anos e meio de idade, variando entre três e seis anos de idade. Em relação à deficiência, quatro crianças tinham síndrome de Down, duas crianças tinham deficiência intelectual, uma criança tinha mielomeningoceli, uma criança tinha tem problemas de desenvolvimento decorrentes da anoxia, uma criança tinha deficiência visual e intelectual e uma criança tinha síndrome de Stickler.

Dentre as 10 crianças, sete estudavam um período na instituição de ensino especial, sendo que quatro delas também estudavam na escola comum, no período oposto (duas em instituições particulares e duas em instituições públicas). Três crianças estudavam apenas na escola comum.

Local da coleta de dados

A coleta de dados com os pais ocorreu nas dependências de uma instituição de ensino especial e nas residências dos participantes, localizadas em um município de médio porte do interior do estado de São Paulo.

Aspectos éticos

O presente projeto de pesquisa foi aprovado no comitê de ética em pesquisa da Universidade Federal de São Carlos (CAAE: 0125.0.135.000-10). Os participantes receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 1) para

consentirem a sua participação, juntamente com a explicação dos objetivos da pesquisa e dos procedimentos de coleta de dados.

Instrumentos

Roteiro de entrevista de caracterização do papel do pai brasileiro na educação da criança com deficiência (adaptado de SILVA, 2007, Anexo 2). Trata-se de um roteiro de entrevista que aborda questões sobre o relacionamento entre pai e filho, percepções, sentimentos e expectativas quanto ao papel paterno, quais os impactos da criança sobre o comportamento do pai e a opinião do pai sobre a escolarização e a inclusão do filho.

Escala de senso de competência parental – PSOC (elaborado por JOHNSTON; MASH, 1989, traduzido por AIELLO para dissertação de SILVA, 2007). A PSOC é uma escala de 17 itens que avalia o senso de autoestima paterno. Trata-se de uma escala tipo *Likert*, composta por seis pontos, que variam entre 6 ‘discordo totalmente’ e 1 ‘concordo totalmente’. O mínimo de pontos na escala é 17 e o máximo 102. A escala possui dois fatores: (a) Satisfação, que avalia o grau com que o pai não se sente frustrado, ansioso e pouco motivado no papel paterno (itens que compõem o fator = 2, 3, 4, 5, 8, 9, 12, 14 e 16, mínimo de pontos no fator é 9 e o máximo é 54) e (b) Eficácia, grau em que o pai se sente competente, capaz de resolver os problemas e é familiar com o papel de pai (itens que compõem o fator = 1, 6, 7, 10, 11, 13, 15 e 17, mínimo de pontos no fator é 8 e o máximo é 48). Os itens 1, 6, 7, 10, 11, 13, 15 e 17 precisaram ser invertidos para ser calculada a sua pontuação. A consistência interna dos fatores que compõem as escalas foi de 0,82 e 0,70, para satisfação e eficácia, respectivamente.

Procedimento de coleta de dados

Inicialmente, a pesquisadora entrou em contato com a diretora de uma instituição de ensino especial, a fim de autorizar a realização da pesquisa com os pais de crianças pré-escolares. Neste encontro foi entregue o projeto de pesquisa, assim como explicado os objetivos da mesma. Após a autorização da direção da instituição, a pesquisadora encaminhou uma carta aos pais, por meio dos filhos, a fim de convidá-los a participarem da pesquisa. Com os pais que aceitaram participar da pesquisa foi realizado um contato via telefone, a fim de agendar um horário para a realização da entrevista.

Em todas as entrevistas, a pesquisadora escrevia a resposta do pai, no questionário. Em média, a entrevista teve duração de 40 minutos, sendo que uma delas

foi realizada nas dependências da instituição de ensino especial e o restante na residência dos participantes.

Antes de iniciar a coleta de dados, os pais assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e, em seguida, era preenchido o Roteiro de entrevista de caracterização do papel do pai brasileiro na educação da criança com deficiência intelectual e a Escala de senso de competência parental, por meio de entrevista individual. Ressalta-se que a entrevista dizia respeito à relação entre o pai e a criança com deficiência.

Procedimento de análise de dados

O *Roteiro de entrevista de caracterização do papel do pai brasileiro na educação da criança com deficiência* forneceu dados qualitativos, em que foram feitas análises de conteúdo (participaram dois juízes para garantir a confiabilidade das categorias elaboradas). Inicialmente, todas as respostas foram computadas e, na sequência, foram elaboradas categorias e selecionadas frases ilustrativas. Os dados da *Escala de senso de competência parental* foram quantitativos, em que realizarem-se análises de medidas de tendência central (COZBY, 2006).

Resultados e Discussão

Os resultados abaixo serão divididos em cinco partes: (a) Participação do pai na gravidez do filho com deficiência; (b) Apoio recebido pelo pai em decorrência da deficiência do filho; (c) Participação paterna na vida do filho com deficiência; (d) Experiências da paternidade; (e) Opinião do pai sobre a inclusão pré-escolar e (f) Senso de competência parental paterno. As três primeiras partes responderam ao primeiro objetivo, que foi o de descrever o papel paterno de crianças pré-escolares com deficiência. A quarta parte respondeu ao objetivo de analisar a opinião do pai sobre a inclusão pré-escolar e, por fim, a quinta parte respondeu ao objetivo de identificar o senso de competência parental de pais de crianças pré-escolares com deficiência.

Participação do pai na gravidez do filho com deficiência

A Tabela 1 mostra como era a vida dos participantes, antes de se tornarem pais.

Tabela 1. Descrição de como era a vida do pai antes da paternidade

Categorias	Frequência	%	Trechos ilustrativos
Trabalhava	4	40,0	<i>"Minha vida era normal, eu trabalhava, era tranquila."</i>
Estudava	2	20,0	<i>"Eu ainda estudava e morava com os meus pais."</i>
A vida melhorou após o nascimento do filho	1	10,0	<i>"Era ótima, ficou melhor com ele. Ele traz alegria para nós."</i>
Com mais tempo para realizar atividades pessoais	1	10,0	<i>"Bem mais tranquila, sem muitas obrigações que tenho hoje. Horário para chegar, sair. Hoje sobra pouco tempo para pensar em mim."</i>
Morava com a família	1	10,0	<i>"Eu morei com meus pais até meus 25 anos, e sempre morei na zona rural, meus pais sempre se sacrificaram para me dar os estudos para mim e para minhas irmãs..."</i>
Resposta não pertinente	1	10,0	
Não se aplica	1	10,0	

Como mostra a Tabela 1, 40,0% dos pais trabalhavam e 20,0% estudavam, antes da paternidade. Nota-se que menos da metade dos pais não exercia uma atividade remunerada antes de terem o filho. Apenas um pai apontou que o fato de ter filho diminuiu o tempo que tinha para realizar atividades para si. De fato, segundo Dessen e

Silva (2000), dentre várias transformações que a família passa com o nascimento de um filho com NEE, uma delas diz respeito ao tempo na dedicação e atenção que os pais têm que assumir com os filhos aumenta. No entanto, normalmente esse acréscimo de tempo ocorre com a mãe. A Tabela 2 mostra a situação familiar e econômica quando o pai soube da gravidez.

Tabela 2. Situação familiar e econômica quando o pai soube da gravidez

Categorias	Frequência	%	Trechos ilustrativos
Situação econômica estável e eram casados	6	60,0	<i>"Eu estava terminando a formação profissional (polícia), foi quando decidimos ter mais um filho, o L. é o segundo filho. A situação econômica era estável."</i>
A criança foi adotada e era casado	2	20,0	<i>"Foi adotado, já éramos casados."</i>
No início do namoro	1	10,0	<i>"No início do namoro, por vontade das duas partes."</i>
O pai não assumiu	1	10,0	<i>"Sou padrasto da mãe da J. Ela conheceu um rapaz e engravidou e o pai não assumiu."</i>

Como mostram os dados da Tabela 2, para a maioria dos pais, a situação econômica quando soube da gravidez era estável e eles estavam casados. Um participante relatou que adotou o filho, mas que já era casado com a esposa na época e um participante relatou que o pai biológico da criança não assumiu a gravidez, por isso, ele se tornou o responsável pela mesma. Esta situação estável financeiramente vem a favorecer o desenvolvimento dos filhos, na medida em que estudos mostram que o nascimento de uma criança com NEE na família pode trazer custos extras para os pais, pois as mesmas, de modo geral, podem necessitar de cuidados médicos e atendimentos especializados (PANIAGUA, 2004), assim, na maioria das vezes, o fator financeiro tem impactos diretos na qualidade e acesso a serviços especializados.

A Tabela 3 mostra como foi o acompanhamento dos pais no pré-natal e na gravidez do filho.

Tabela 3. Acompanhamento do pai no pré-natal e da gravidez do filho

Categorias	Frequência	%	Trechos ilustrativos
Acompanhou o pré-natal	8	80,0	<i>“Morava com ela e ia ao médico com ela, em casa ajudava também”.</i>
Não acompanhou porque a criança era adotada	2	20,0	<i>“Não acompanhei porque ele foi adotado.”</i>

Como mostra a Tabela 3, 80,0% dos pais acompanharam o pré-natal do filho, indo ao médico com a esposa e ajudando-a. Os pais que disseram que não acompanharam eram porque a criança foi adotada. O acompanhamento no pré-natal mostra como os pais desta amostra estavam envolvidos com a gravidez, desde quando souberam da notícia. A participação do homem desde o pré-natal contribui tanto para uma criação de vínculo com a criança, quanto para o apoio emocional que poderá oferecer para a mãe (BEE, 2008). Pais mais envolvidos nessa etapa tendem a ter maior envolvimento também em outras fases do desenvolvimento da criança.

A Tabela 4 mostra como foi à reação dos pais quando descobriram que o filho era deficiente.

Tabela 4. Reação dos pais quando descobriram que o filho era deficiente

Categorias	Frequência	%	Trechos ilustrativos
Foi um choque	2	20,0	<i>“De início foi um choque, tive certa dificuldade em aceitar o fato.”</i>
Não conhecia a síndrome	2	20,0	<i>“Quando adotei ele, não sabia o que era a Síndrome de Down, sobre os problemas dele, depois fomos aprendendo.”</i>
Ficou “perdido”	1	10,0	<i>“A primeira reação parecia que o mundo tinha desabado, porque não tinha conhecimento sobre essa deficiência e ficamos meio perdidos.”</i>
Dedicação ao filho	1	10,0	<i>“Não fiquei triste não, me dediquei muito ao M. desde quando ele nasceu, não fiz diferença de filho porque tinha mais 2 filhos e os outros eram normais, pra mim era tudo igual. E hoje tenho uma menininha de 1 mês e meio que está tendo convulsões igual ao irmão dela o M.”</i>
Não preocupação com a dificuldade que o filho teria	1	10,0	<i>“Na realidade a minha preocupação não era com a dificuldade que ele teria.”</i>
Felicidade de ter um filho	1	10,0	<i>“Estava muito feliz em ter meu primeiro filho.”</i>
Preocupação com as perguntas dos parentes	1	10,0	<i>“Ficamos preocupados com as perguntas depois dos parentes, veio muita coisa na cabeça.”</i>
Sentiu-se obrigado a amar o filho	1	10,0	<i>“Como pai tinha obrigação de amá-lo, assim como amo meus outros filhos.”</i>
Ainda estou em busca de diagnóstico	1	10,0	<i>“Quando ele nasceu era normal, mas com dois meses de idade notamos algo diferente, ele era muito molinho. Começamos a busca de ajuda, disseram que ele tinha um atraso. Estamos atrás de um diagnóstico.”</i>
Outras pessoas da família já tinham a deficiência	1	10,0	<i>“A mãe da G. tem a mesma deficiência dela, já estávamos todos familiarizados com a deficiência dela.”</i>
Não respondeu	1	10,0	

Como mostra a Tabela 4, os pais apontaram como reações de ter um filho com deficiência, as de: sentimentos de choque, não conhecer a síndrome, ficarem perdidos,

dedicação, felicidade, preocupação com as dificuldades que o filho teria, preocupação com as perguntas dos parentes, amor, busca por diagnóstico e, por fim, que outras pessoas da família já tinham a deficiência, estando mais familiarizado com a situação.

Considerando essa diversidade de sentimentos, Fiamenghi e Messa (2007), mostram que há uma expectativa dos pais em relação à criança antes mesmo da mesma nascer. Quando os pais recebem a notícia de que seu filho tem uma deficiência, normalmente, há uma mescla de sentimentos, como por exemplo, de choque, medo, tristeza e culpa. Tais sentimentos são cíclicos e a família pode vivenciá-los a cada fase de transição do desenvolvimento do filho (PANIAGUA, 2004; PANIAGUA; PALÁCIOS, 2007), assim é natural que os pais dessa amostra relatem a vivência de vários sentimentos ao saber da notícia de que tiveram um filho com deficiência. A Tabela 5 mostra a opinião dos pais dos problemas e dos benefícios ao saberem que teriam um filho com deficiência.

Tabela 5. Problemas e benefícios de ter um filho com deficiência

Categorias	Frequência	%	Trechos ilustrativos
Problemas			
Não causou problemas	9	90,0	"Não."
Preocupação	1	10,0	"Sim, preocupação de como lidar com outra criança com deficiência, sendo que já tinha uma outra criança com outro tipo de deficiência."
Benefícios			
Experiência e maturidade	3	30,0	"Foi uma experiência para nós, tivemos mais conhecimento sobre o que ele tinha."
Financeiro	2	20,0	"Temos ajuda da prefeitura com fraldas e transporte. Recebemos também salário que ajuda nos gastos com ele."
União familiar	1	10,0	"A família ficou mais unida."
Experiência e crescimento pessoal	1	10,0	"Sim, experiência, maturidade, crescimento familiar e experiência familiar."
Alegria na família	1	10,0	"Alegria na família."
Aumento de responsabilidade	1	10,0	"Minha responsabilidade aumentou."
Não	2	20,0	

Como mostra a Tabela 5, 90% dos pais apontaram que o nascimento da criança com deficiência não trouxe problemas para ele. Quanto aos benefícios mais citados, têm-se: experiência, maturidade e financeiro. Por meio da nova experiência em lidar com o diferente, se tem uma mistura de sentimentos e vivências, sendo a preocupação, como citado por um pai nessa tabela, uma situação normal e presente na maioria das famílias (SILVA; DESSEN, 2001). O processo de adaptação para os pais de crianças com NEE é constante em cada etapa da vida do filho, tendo um aumento nas responsabilidades e na maturidade. A Tabela 6 mostra como foi o preparo dos pais para a chegada do filho com deficiência em casa.

Tabela 6. Preparo dos pais para a chegada do filho em casa

Categorias	Frequência	%	Trechos ilustrativos
Comprou móveis	5	50,0	<i>"Eu comprei berço, carrinho pra ele, foi uma alegria só."</i>
Conversou com a outra filha	1	10,0	<i>"Conversamos com a L. (outra filha) explicamos sobre a deficiência do L., e ela reagiu de forma natural, ficou muito apegada a ele. Tivemos que sair da casa dos meus pais e tivemos que construir uma casa a qual moramos hoje."</i>
Pesquisou sobre a deficiência do filho	1	10,0	<i>"Psicologicamente eu sempre pesquisei na internet como era o começo dessas dificuldades, perguntava para as pessoas. Na realidade você não tem noção do que é a coisa, você sempre vê acontecendo com as outras pessoas, mas só quando você passa você sabe bem o que é."</i>
Manter um clima positivo na família	1	10,0	<i>"A C. estava internada e eu fui preparando a família para não passar clima de negação para a minha esposa."</i>
Não fez diferença de tratamento com relação aos outros filhos	1	10,0	<i>"Como se fosse uma criança normal, com o mesmo carinho e amor, não teve muita diferença."</i>
Contou com a colaboração da cunhada	1	10,0	<i>"Ajudei em tudo, chamei a irmã da minha esposa para ajudar nos cuidados com o bebê, tivemos todo o cuidado com ele."</i>

De acordo com os dados da Tabela 6, para a chegada do bebê, metade dos pais comprou móveis, um pai conversou com a outra filha, um pai pesquisou sobre a

deficiência na internet, um pai preparou a família, um pai recebeu a criança com carinho e amor e, por fim, um pai contou com a colaboração da cunhada.

A partir do momento em que a criança chega ao lar, o papel da família torna-se ainda mais importante, principalmente em relação a maior demanda de cuidados e de estímulos. É fundamental que essa família ofereça um ambiente exploratório e estimulante à criança com deficiência, pois esses contribuirão fortemente para um bom desenvolvimento da mesma (SILVA; DESSEN, 2002; GURALNICK, 1998).

O apoio social vindo da família extensa é importante para que os pais se sintam acolhidos e para a diminuição do estresse parental, pois os mesmos sabem que podem receber ajuda quando precisarem. A busca de informações pela internet, apesar de que podem trazer informações erradas ou ambíguas, mostra que o pai estava preocupado com o desenvolvimento do filho, assim como em ter um envolvimento de qualidade com seu filho. Tais relatos são condizentes com os dados da literatura, pois os pais estão se comportando como esperado pela nova paternidade, ou seja, querem ser um bom pai, se envolvendo e participando das atividades diárias do seu filho (CIA, 2009). Assim, pode-se apontar que todos os pais procuraram ajudar de alguma forma para a chegada da criança. A Tabela 7 mostra a ajuda que os pais deram na época em que o bebê nasceu.

Tabela 7. Ajuda que os pais deram após o nascimento do bebê

Categoria	Frequência	%	Trechos ilustrativos
Financeiramente	4	40,0	<i>"Ajudava mais na parte financeira."</i>
Nos serviços domésticos	3	30,0	<i>"Sempre ajudei nos serviços da casa."</i>
Autocuidados da criança	2	20,0	<i>"Ajudava nos banhos, trocas de fraldas, depois aos poucos fui deixando aos cuidados da mãe."</i>
Carinho/amor	2	20,0	<i>"Com....e amor."</i>
Disponibilidade de tempo	2	20,0	<i>".....estava sempre disponível."</i>
Passou a trabalhar mais	1	10,0	<i>"Nessa época eu trabalhava em um lugar só, tivemos que reduzir os custos e comecei a trabalhar em dois lugares, para ajudar a família."</i>
Conversando com a esposa para confortá-la	1	10,0	<i>"Ia conversando com a minha esposa. Se Deus deu ele para nós cuidarmos, teríamos que aceitar porque era a vontade Deus."</i>

Quanto à ajuda dos pais após o nascimento da criança, tem-se com maior frequência, a ajuda financeira, nos serviços domésticos, nas atividades de autocuidados do filho e com carinho e amor, como mostram os dados da Tabela 8.

Tais ajudas permitem que o pai assuma um papel fundamental na relação com o filho e com sua companheira, pois por meio de sua ajuda ele pode diminuir as demandas que a mãe possui (SOUZA; BOEMER, 2003). De fato, nessa tabela pode-se verificar que os pais estão contribuindo na divisão de tarefas com a mãe, estão realmente assumindo seu papel de pai e ajudando no que é necessário.

Apoio recebido pelo pai em decorrência da deficiência do filho

A Tabela 8 mostra quais os apoios que os pais receberam em relação aos cuidados com o filho.

Tabela 8. Apoio que os pais receberam para cuidar do filho

Categoria	Frequência	%	Exemplo
Família	5	50,0	<i>"Meus familiares e o dela ajudam a gente 24 horas, tanto no psicológico, quanto no financeiro, estão sempre com a gente."</i>
Instituição de ensino especial	2	20,0	<i>"O pessoal da instituição dá bastante apoio para a nossa família."</i>
Universidade	2	20,0	<i>"Recebemos apoio da USE na UFSCar."</i>
Dos pais de outras crianças com deficiência	1	10,0	<i>"E na instituição, os pais dos outros alunos ajudam a gente quando precisamos de alguma coisa. Um dia um pai estava falando que não tinha um remédio para dar ao seu filho e como eu tinha esse remédio em casa, eu dei para ele. Ai outro dia ele me devolveu, então a gente é assim, um ajuda o outro."</i>
Comunidade	1	10,0	<i>"....deixamos o D. e a A. com irmãos da comunidade."</i>
Esposa	1	10,0	<i>"Todo mundo colabora, mas ninguém chega perto do apoio que minha esposa me dá, em relação aos meus filhos. Se estão com ela, eu estou tranquilo."</i>
Médicos	1	10,0	<i>"Recebo apoio dos médicos."</i>
Prefeitura	1	10,0	<i>"Ajuda da prefeitura."</i>
Trabalho	1	10,0	<i>"Onde eu trabalho, no correio, eles pagam a escolinha deles, fonoaudiologia e Unimed."</i>
Vizinhos	1	10,0	<i>"Os vizinhos ajudam quando a gente precisa deixar as crianças lá."</i>

Como mostram os dados da Tabela 8, quanto ao apoio que os pais receberam para cuidar dos filhos, tem-se que metade dos pais apontou o apoio da família, 20,0% dos pais apontaram o apoio de instituições de ensino especial e 20,0% contaram com o apoio da universidade. Assim, pode-se apontar que todos os pais receberam algum tipo de apoio em relação aos cuidados com os filhos.

Os apoios oferecidos por profissionais, família e a comunidade, permitem aos pais pensarem de modo positivo no desenvolvimento de seus filhos. Para Silva e Mendes (2008), o trabalho em parceria com a família e com profissionais é muito

importante para um melhor desenvolvimento da pessoa com deficiência, assim como para uma melhor adaptação das famílias às possíveis necessidades que terão ao longo das diferentes etapas do desenvolvimento.

De fato, vários estudos mostram a importância dos profissionais envolverem os pais em programas de intervenção precoce, em que os mesmos devem auxiliar no processo de tomada de decisão dos procedimentos a serem aplicados com seus filhos, assim como no processo avaliativo. Os pais também podem ser colaboradores dos profissionais, estimulando seus filhos em casa (DESSEN; SILVA, 2004; WILLIAMS; AIELLO, 2004).

Esse apoio, também, pode ser encontrado na escola onde o filho com deficiência estuda. A parceria entre família e escola tem-se mostrado eficaz no processo de inclusão e de aprendizagem de crianças com deficiência, principalmente na idade pré-escolar. Assim, as escolas precisam criar estratégias para estreitar essa parceria e envolverem os pais em projetos pedagógicos e da comunidade (CHACON, 2008; CHECHIA; ANDRADE, 2005).

Para além do envolvimento dos pais na escola dos filhos, é importante que os mesmos também se envolvam nas tarefas escolares da criança, em casa. Vários estudos mostram benefícios para a criança quando os pais auxiliam nas lições de casa, monitoram os comportamentos escolares dos filhos, assim como participam e se envolvem nas atividades diárias de seus filhos (MARTURANO, 2008), inclusive focando apenas na figura paterna (CIA, 2009).

A Tabela 9 mostra o tipo de atendimento recebido pelos pais, relacionado à deficiência do filho.

Tabela 9. Tipo de atendimento recebido pelos pais relacionado à deficiência do filho

Categoria	Frequência	%
Fonoaudiológico	3	30,0
AACD	1	10,0
Fisioterapêutico	1	10,0
Instituição de ensino especial	1	10,0
Musicoterapia	1	10,0
Neurologista	1	10,0
Oftalmológico	1	10,0
Psicopedagógico	1	10,0
Psicológico	1	10,0
Universidade	1	10,0
Não recebe atendimento	3	30,0

Como mostram os dados da Tabela 9, a maioria dos pais apontou que seus filhos receberam algum atendimento. Além disso, nota-se a diversidade de atendimentos recebidos, sendo que a maioria dos atendimentos era feito em instituições especializadas. Com esses atendimentos oferecidos a essas crianças, torna-se mais fácil também de inseri-las na comunidade (MENDES, 2010). O trabalho de intervenção precoce vem a estimular as crianças com deficiência para que tenham melhor autonomia na realização de atividades diárias e que alcancem o máximo de seu desenvolvimento (BOLSANELLO, 2008; BRASIL, 1998). A Tabela 10 mostra os tipos de apoios que os pais receberam ao conviver com outros pais de crianças com deficiência.

Tabela 10. Tipos de apoio que os pais receberam ao conviver com outros pais de crianças com deficiência

Categoria	Frequência	(%)	Trechos ilustrativos
Ajuda um ao outro	1	10,0	<i>“Convivo com os pais na APAE, a gente troca experiências. Aqui um pai ajuda o outro, como eu falei, um dia um pai precisou de um remédio e eu tinha esse remédio em casa ai dei para ele. Ai um ajuda o outro como pode.”</i>
Troca de experiências	1	10,0	<i>“Conheço bastante pais, antes nos reunimos na federal com outros pais para trocar experiências.”</i>
Não convive com outros pais	8	80,0	

Segundo dados da Tabela 10, um pai relatou que o apoio recebido de outros pais era de ajuda e um outro pai apontou a troca de experiências. A maioria dos participantes não recebia apoio de outros pais de pessoas com deficiência. O contato entre pais que passam por experiências semelhantes é importante para troca de experiência, assim como para a criação de apoio social entre eles (GOETIEN; CIA, 2011). Iniciativas nesse sentido são importantes, a fim de criar espaços para que pais de crianças com deficiência possam se reunir e trocar experiências.

Participação paterna na vida do filho com deficiência

A Tabela 11 mostra quem eram os responsáveis por levar o filho ao médico.

Tabela 11. Responsáveis por levar o filho ao médico

Categorias	Frequência	%	Trechos ilustrativos
Mãe	4	40,0	<i>"A minha esposa R."</i>
O pai e mãe	2	20,0	<i>"Para consultas simples, a mãe. Para operações e exames mais delicados, eu mesmo."</i>
Avó	2	20,0	<i>"A avó que sempre leva."</i>
Pai	1	10,0	<i>"Sempre sou eu que levo o M. e meus outros filhos ao médico. Minha esposa tem problemas de memória, por isso, a responsabilidade da casa, dos filhos fica para mim."</i>
A mãe e a tia	1	10,0	<i>"A mãe e a tia que leva ele ao médico."</i>

Dentre os responsáveis por levar a criança ao médico, verifica-se na Tabela 11, que em 40,0% das famílias, as mães eram as principais responsáveis. Em 20,0% das famílias, os pais e as mães levavam a criança ao médico. Nota-se que apenas um pai era responsável por levar a criança ao médico e que 30,0% das famílias contavam com o apoio externo a família nuclear para a realização desta tarefa, como avó e tia da criança. A partir desses dados, pode-se verificar que apesar de as mulheres ainda serem as principais responsáveis pelos cuidados com os filhos, o envolvimento do pai com o filho vem aumentando, surgindo uma divisão maior de tarefas na família (LEWIS; DESSEN, 1999). Assim, com essa divisão de tarefas entre os cuidadores, faz com que a mãe não se sinta tão sobrecarregada quanto aos cuidados dos filhos, podendo tornar menor as dificuldades enfrentadas por ela em relação às responsabilidades com seu filho.

Freitas, Coelho e Silva (2007) mostraram que é muito importante se ter um pai participativo nos cuidados e na afetividade dos filhos. Assim, quando o pai e a mãe oferecem juntos esse carinho, há uma maior chance de divisão de tarefas entre o homem e a mulher.

Nota-se também o apoio social recebido pela família extensa. Sabe-se que pais de crianças com deficiência que têm apoio social satisfatório, tendem a se sentir menos sobrecarregados e com menor índice de estresse, pois conseguem obter apoio quando

necessitam de ajuda, por exemplo, para cuidar do filho ou mesmo para realizar atividades para si (PANIAGUA, 2004).

A Tabela 12 mostra as estratégias utilizadas pelos pais na tomada de decisão sobre a escola do filho.

Tabela 12. Estratégias utilizadas pelo pai na tomada de decisões escolares do filho

Categorias	Frequência	%	Trechos ilustrativos
Entra em um acordo com a esposa sobre as decisões escolares do filho	3	30,0	<i>“Sim, eu e minha esposa conversamos e entramos num acordo em relação ao V.”</i>
Participa das reuniões escolares	2	20,0	<i>“Sim, vou às reuniões.”</i>
Acompanha as agendas e os cadernos	1	10,0	<i>“Sempre tomo a frente nas decisões da escola, né? E, quando a criança chega em casa eu olho os recados na agenda, os cadernos, fico em cima dele para ver se está fazendo tudo certo.”</i>
Discute com a avó materna	1	10,0	<i>“Às vezes, por meio de discussão com a avó materna.”</i>
Utiliza poucas estratégias	1	10,0	<i>“Pouco, só quando a mãe me aciona. Se demora, eu pergunto e dou sugestões, dentro das minhas limitações.”</i>
Não utiliza estratégias, pois a mãe é quem toma as decisões	1	10,0	<i>“Não, a mãe é quem toma as decisões sobre a criança.”</i>
Não utiliza estratégias, pois a avó é quem toma as decisões	1	10,0	<i>“Não, a avó que toma conta dessas coisas.”</i>

Trinta por cento dos pais desta amostra apontaram que tomavam decisões sobre os assuntos escolares dos filhos, juntamente com as esposas. Além disso, 20,0% dos pais participavam das reuniões escolares e 10,0% acompanhavam as agendas e os cadernos do filho. Nota-se que 30,0% dos pais utilizavam pouca estratégia ou não participavam das decisões escolares do filho, como mostram os dados da Tabela 12. Apesar dessa porcentagem, sabe-se que o pai tem um papel importante no desempenho acadêmico dos filhos. Estudos mostram que pai que realiza atividades diárias com seu filho, que acompanha as atividades acadêmicas do filho e que oferece carinho ao filho, os filhos tendem a ter melhor desempenho acadêmico (CIA; PAMPLIN; WILLIAMS,

2008). Assim, tais dados podem ser indicativos da necessidade de intervir com o pai, a fim de conscientizá-los da sua importância para o bom desempenho acadêmico do filho.

A Tabela 13 mostra as práticas educativas dos pais, quando o filho se comportava de maneira errada.

Tabela 13. Práticas educativas paterna quando o filho se comportava de maneira errada

Categorias	Frequência	%	Trechos ilustrativos
Conversa/aconselha a criança	7	70,0	<i>“Para ensinar o que é certo e errado eu converso com ele, quando vejo que ele está fazendo alguma coisa que não é certo eu chamo a atenção dele, e explico que aquilo que ele está fazendo não está sendo certo.”</i> <i>“Sou muito ativo, participando de perto, mas sem interferir demais. Debato com a minha esposa e tento ser coerente. Falo firme, falo com amor, sempre perto, agacho e etc. Uso frases curtas e sempre as mesmas, por causa da deficiência mental de todos eles. Quando necessário dou uma chinelada no bumbum, tiro o brinquedo que mais gosta e/ou ponho no cantinho da disciplina.”</i>
Não tem participação nas práticas educativas	2	20,0	<i>“Tudo é a mãe quem faz, quem ensina é a mãe.”</i>
Demonstra na prática	1	10,0	<i>“Normalmente a gente mostra na prática.”</i>

Como mostram os dados da Tabela 13, 70,0% dos pais conversavam e aconselhavam o filho, quando o mesmo fazia algo errado. Apenas 20,0% dos pais disseram que não participavam das práticas educativas em relação à criança. Assim, o tempo que os pais gastam com seus filhos pode ser considerado significativo e essencial para o desenvolvimento do filho (SILVA; AIELLO, 2009), que nesse caso, o tempo em que a maioria dos pais passa com seus filhos, eles educam, apontam o que é certo e o que é errado, enfim, estão contribuindo de forma positiva para um bom desenvolvimento da criança.

Ao impor limites ao filho, os pais estão transmitindo aos mesmos conceitos do que é certo ou errado, assim como modelos de condutas. As crianças precisam desde pequena entender quais são os comportamentos certos ou errados, a fim de que

consigam discriminá-los também em outros ambientes, externos ao familiar, como o ambiente escolar, por exemplo (GOMIDE, 2004). A Tabela 14 mostra o tempo que os pais ficavam em casa por dia e quais as atividades que desenvolviam durante esse tempo.

Tabela 14. Tempo que os pais ficavam em casa por dia e atividades que desenvolviam durante esse tempo

Tempo			
Média	Valor mínimo	Valor máximo	
9 horas e 30 minutos	4	24	
Atividades desenvolvidas			
Categoria	Frequência	(%)	Trechos ilustrativos
Realização de atividades de lazer com o filho	6	60,0	<i>“Assisto TV, brinco com minhas filhas....”</i>
Cuidados com o filho	3	30,0	<i>“Eu cuido do L., dou atenção no que ele precisar e nos cuidados dele.”</i>
Realização de atividades domésticas	2	20,0	<i>“Ajudo minha mulher nos serviços de casa.....”</i>
Fica com o filho	1	10,0	<i>“Procuro ficar mais com ela (filha).”</i>

Como mostram os dados da Tabela 14, os pais passavam uma média de nove horas e 30 minutos, por dia, em casa. De fato, um pai não trabalhava, o que elevou a média de tempo dos pais permanecerem em casa. No entanto, nota-se que se desconsiderar o dado desse pai, a média de tempo que os pais passavam em casa era de oito horas.

Em relação às atividades que realizavam nesse tempo livre, a maioria dos pais realizava atividades de lazer com seus filhos, como passear, brincar e assistir TV. Trinta por cento dos pais auxiliavam nos cuidados com os filhos e 20,0% realizavam atividades domésticas.

O tempo que o pai passa com o filho é de extrema importância para a criança, pois juntos podem ter uma relação mais próxima um do outro (NUNES; SILVA; AIELLO, 2008), no entanto, a interação precisa ser de qualidade, ou seja, o tempo dispensado pelo pai para realizar atividades com seu filho precisa ser focado a criança. A Tabela 15 mostra o tempo que os pais ficavam em casa por dia com o seu filho e quais as atividades que desenvolviam durante esse tempo.

Tabela 15. Tempo que os pais ficavam em casa por dia com o seu filho e atividades que desenvolviam durante esse tempo

Tempo			
Média	Valor mínimo	Valor máximo	
4 horas e 30 minutos	2	9	
Atividades desenvolvidas			
Categoria	Frequência	(%)	Trechos ilustrativos
Brincar	8	80,0	<i>“Brincando, nós brincamos de viola, de carrinho.”</i>
Ensinar/educar	4	40,0	<i>“...ensinando, educando...”</i>
Assistir TV	3	30,0	<i>“...vejo futebol.”</i>
Realizar esportes	2	20,0	<i>“...jogar bola, ele adora esportes.”</i>
Passear	1	10,0	<i>“Às vezes a gente também sai para comprar um lanche, tomar um sorvete.”</i>
Conversar	1	10,0	<i>“.....e conversando.”</i>

Nota-se na Tabela 15, que os pais passavam, em média, 4 horas e trinta minutos, por dia, com os seus filhos. No entanto, essa média se referia a sete pais, já que três deles responderam a questão sem especificar um tempo. Em relação às atividades desenvolvidas com os filhos nesse período de tempo. Verificou-se que grande parte dos pais brincava com seus filhos e 40,0% educavam e ensinavam o filho. Os pais desta amostra apontaram que passavam bastante tempo com seu filho, por dia, realizando atividades.

Estudos mostram que, quando comparado o tempo que os pais passam com seus filhos, entre pais de crianças com deficiência e pais de crianças com desenvolvimento típico, nota-se que os pais de crianças com deficiência ficam mais tempo com os filhos, são mais envolvidos nos cuidados com as crianças quando estão na pré-escola (DYSSON, 1997; LAMB; BILLINGS, 1997), o que pode explicar esse número de horas que os pais desta amostra apontaram que realizavam atividades com seu filho. A Tabela 16 mostra o tipo de cuidado que os pais ofereciam ao filho.

Tabela 16. Tipo de cuidado que os pais ofereciam ao filho

Categoria	Frequência	(%)	Trechos ilustrativos
Todos os cuidados	3	30,0	<i>“Em todos os cuidados com ele, sou eu quem toma a frente.”</i>
Colocar para dormir	2	20,0	<i>“Só coloco para dormir.”</i>
Alimentar	1	10,0	<i>“...alimentação.”</i>
Dar banho	1	10,0	<i>“banho...”</i>
Não realizo atividades de cuidados	4	40,0	<i>“Normalmente, é a minha esposa que toma parte desses cuidados.”</i>

Como mostram os dados da Tabela 16, 30,0% dos pais apontaram que eram responsáveis por todos os cuidados com o filho e 20,0% dos pais apontaram que só colocavam o filho para dormir. Aproximadamente metade dos pais disse que não realizava atividades de cuidados com o filho. É muito importante que o pai ajude nos cuidados dos filhos, pois através da relação o vínculo paterno tende a crescer. Estudos mostram que o apego da criança ao pai está diretamente relacionado ao tempo que o pai tem para realizar atividades de cuidados com a mesma (BEE; BOYD, 2011). Soma-se o fato que vários estudos mostram uma relação positiva entre a interação paterna e o desenvolvimento socioemocional e cognitivo dos filhos (CIA; PAMPLIN; WILLIAMS, 2008; LAMB, 1997). Isso porque os pais tendem a desenvolver mais atividades exploratórias com seus filhos, desafiadoras, o que estimula a criatividade e a segurança da criança (COLL; PALÁCIOS; MARCHESI, 2005).

E, além de saber que o pai tem um papel relevante na relação com a mãe e o filho, pode-se dizer que diante dessa participação do pai com seu filho, ele pode amenizar a função da mãe, a qual a sociedade impõe que seria o cuidar, podendo então aumentar a possibilidade de uma divisão de tarefas mais igualitária entre os responsáveis pela criança (SOUZA; BOEMER, 2003). A Tabela 17 mostra a frequência que os pais brincavam com o seu filho.

Tabela 17. Frequência que os pais brincavam com seu filho

Categoria	Frequência	(%)
Todos os dias	8	80,0
Duas ou três vezes por semana	1	10,0
Uma vez por semana	1	10,0

Como mostra a Tabela 17, 80,0% dos pais brincavam com seu filho todos os dias e 10,0% dos pais brincava com seu filho duas ou três vezes por semana. O papel da família é de extrema importância em relação aos cuidados e os estímulos oferecidos à criança. Durante as brincadeiras, essa família pode promover um ambiente estimulador para suas crianças. De fato, ao realizar atividades lúdicas com a criança, a família permite um maior desenvolvimento físico, emocional, cognitivo e social da criança. (BRASIL, 2006).

É por meio do brincar que a criança aprende, desenvolve a noção de regras e papéis sociais, que serão importantes na escolarização e enquanto cidadãos. Além disso, o brincar favorece todas as áreas do desenvolvimento da criança e o adulto tem um papel de mediador desse aprendizado (BRASIL, 2006; MOYLES, 2008). A Tabela 18 mostra quais as atividades escolares que os pais realizavam com o seu filho.

Tabela 18. Atividades escolares que os pais realizavam com seu filho

Categoria	Frequência	(%)	Trechos ilustrativos
Não tem tarefa para casa	3	30,0	<i>“Por enquanto não tem atividades escolares, pois está no pré.”</i>
Ensina/ajuda nas lições	2	20,0	<i>“Ajudo nas tarefas dele, e não deixo ele perder aula, só quando tem médico que ele falta, como amanhã ele irá faltar, pois irá tirar sangue.”</i>
Acompanha o caderno	1	10,0	<i>“Acompanho o caderno dele, e ajudo nas lições.”</i>
Ensina o alfabeto/números	1	10,0	<i>“Ensino ele o abecedário, os números de 1 a 10 ele acompanha, e as palavras também eu vou pronunciando e ele vai falando junto.”</i>
Nenhuma	4	40,0	<i>“Não faço, a minha mulher é quem faz.”</i>

Como mostram os dados da Tabela 18, um terço dos pais apontou que o filho não tinha tarefa de casa e outros 30,0% dos pais auxiliavam o filho nas tarefas de casa (com ajuda nas lições e ensinando números e o alfabeto). O envolvimento dos pais na escolarização dos seus filhos pode ser caracterizado de duas formas: de um envolvimento direto na escola da criança e de um envolvimento direto em casa. Nessa questão abordou-se o envolvimento em casa, sendo que 40% dos pais não auxiliavam seus filhos. Sabe-se que o envolvimento do pai nas tarefas escolares ou o interesse demonstrado pelo mesmo nas tarefas acadêmicas do filho, vem a favorecer o

desempenho acadêmico da criança. Estudos mostram uma relação direta no maior envolvimento paterno e melhor desempenho em aritmética, leitura e escrita (CIA; WILLIAMS; AIELLO, 2005; DUCH, 2005). A Tabela 19 descreve as atividades domésticas que os pais realizavam com o filho.

Tabela 19. Atividades domésticas que os pais realizavam com seu filho

Categoria	Frequência	(%)	Trechos ilustrativos
Guardar brinquedos/objetos	2	20,0	<i>“Ensino ele a guardar os brinquedos que ele esparrama, ele já é organizado desde pequeno, não gosta das coisas fora do lugar.”</i>
Arrumar a cama	1	10,0	<i>“Arrumamos a cama.”</i>
O pai faz a atividade doméstica para o filho	1	10,0	<i>“O M. não faz nada, nem a cama ele arruma, ele não sabe, então eu arrumo para ele.”</i>
Nenhuma	6	60,0	<i>“Nenhuma.”</i>

Como mostram os dados da Tabela 19, um terço dos pais apontou que realizava atividade doméstica com o filho. No entanto, a maioria dos pais disse que não fazia atividade doméstica com o filho. Vale ressaltar o quão importante é ter um pai participante das atividades domésticas em casa, pois ele atribuindo funções domésticas ao filho é uma forma de ensinar que as tarefas devem ser compartilhadas por aqueles que vivem juntos, independente do gênero. E, além do pai transmitir esses conceitos de divisão de tarefas, ele está também ajudando a amenizar a responsabilidade da mãe nos cuidados da casa, que na maioria das vezes é a mulher que fica mais sobrecarregada com esses afazeres, acarretando um estresse para a mesma. Nessa direção, pode-se ver que o estresse afetado em famílias, normalmente atinge mais as mães que os pais, por conta da maior responsabilidade que a mãe exerce (SILVA; DESSEN, 2002). Nota-se pelas respostas dos pais nesta questão o quanto algumas tarefas ainda são exclusivas das mulheres, havendo uma divisão clara de gênero (BERTOLINI, 2002). A Tabela 20 mostra os comportamentos que o filho emitia que deixava os pais contentes.

Tabela 20. Comportamentos do filho que deixavam os pais contentes

Categoria	Frequência	(%)	Trechos ilustrativos
Quando está feliz/quando sorri	4	40,0	<i>“O sorriso dele é demais, não tem coisa melhor que me deixa mais feliz do que ver o sorriso dele.”</i>
Quando obedece as pessoas/educação	2	20,0	<i>“Fico feliz quando vejo que ele obedece e não fica nervoso.”</i>
Quando está se desenvolvendo bem	1	10,0	<i>“Quando vejo um desenvolvimento dele que ele antes não fazia e ele passa a fazer, fico muito feliz.”</i>
Quando faz oração	1	10,0	<i>“...oração...”</i>
Quando faz tarefas da escola	1	10,0	<i>“Quando na escola ele faz tarefas e traz para a casa, eu fico muito contente que ele está se saindo bem.”</i>
Quando faz coisas engraçadas	1	10,0	<i>“As palhaçadas, as danças, a imitação dos artistas cantando, ele é uma figura já nasceu artista.”</i>
Quando fala papai	1	10,0	<i>“Quando ele chama papai, mamãe e dá risada.”</i>
Quando dá carinho	1	10,0	<i>“O carinho dela, o respeito.”</i>

Para 40,0% dos pais, os filhos emitiam comportamentos que os deixavam contentes, quando estavam felizes e quando emitiam um sorriso. Outros 20,0% dos pais apontaram que o filho obedecer às pessoas, os deixavam contentes, como mostram os dados da Tabela 20.

Nesse sentido, é muito importante os pais darem feedback aos seus filhos como um reforço positivo, ou seja, elogiar, agradecer por tal comportamento da criança, favorecendo e estimulando-a para repetir tal comportamento benéfico (GOMIDE, 2004). Nota-se que para alguns pais o fato da criança estar feliz o agrada, independente de que tipo de comportamento ela esteja emitindo. Muitas crianças com maiores limitações têm dificuldades em expressar/discriminar sentimentos e quando isso ocorre é importante que os pais valorizem tal comportamento e reforce para que o mesmo continue a ser emitido. A Tabela 21 mostra os comportamentos que o filho emitia que deixava os pais descontentes.

Tabela 21. Comportamentos do filho que deixavam os pais descontentes

Categoria	Frequência	(%)	Trechos ilustrativos
Não obedecer	4	40,0	<i>“Quando ele responde para as pessoas, não obedece, quando bate nos primos dele.”</i>
Fazer bagunças	2	20,0	<i>“Quando ele mexe muito na televisão, joga os brinquedos pro alto, isso eu não gosto.”</i>
Jogar as coisas no chão	1	10,0	<i>“Não gosto quando ele pega as coisas e joga no chão. Que nem um dia, pedi para ele colocar o copo que estava em cima da mesa na pia, ele pegou e jogou no chão e ficou nervoso.”</i>
Gritar	1	10,0	<i>“Não gosto quando ele grita.”</i>
Fazer coisas erradas	1	10,0	<i>“Não gosto quando ele faz coisas erradas, eu tento corrigir, fico bravo, procuro corrigir sempre ele.”</i>
Nada	1	10,0	<i>“Nada.”</i>

Os comportamentos do filho, que os pais apontaram que os deixavam descontentes foram: não obedecer, fazer bagunças, jogar as coisas no chão, gritar e fazer coisas erradas, como mostram os dados da Tabela 21. A Tabela 22 mostra os comportamentos dos pais quando o filho se comportava de maneira inadequada.

Tabela 22. Comportamentos dos pais quando o filho se comportava de maneira inadequada

Categoria	Frequência	(%)	Trechos ilustrativos
Conversava com o filho	4	40,0	<i>“Conversando e mostrando a ele o que é certo e o que é errado.”</i>
Explicava que não pode e apontava as consequências	2	20,0	<i>“Eu tento corrigir ele falando que o objeto pode quebrar, pode machucar ele e ele pode ficar sem um brinquedo por exemplo.”</i>
Colocava o filho de castigo	1	10,0	<i>“Normalmente, fico preocupado porque criança é terrível, nós o deixamos de castigo.”</i>
Isolava por um tempo	1	10,0	<i>“Eu procuro me isolar no quarto por um tempo.”</i>
Orava	1	10,0	<i>“Oro muito e tento me antecipar às frustrações na medida do possível.”</i>
Não respondeu	1	10,0	

Quatro pais apontaram que conversavam com o filho, quando o mesmo emitia comportamentos inadequados e 20% dos pais explicavam ao filho que não podia emitir esse comportamento, e apontava algumas consequências do comportamento inadequado, como ficar sem o brinquedo. Além disso, 10,0% dos pais apontou que colocava o filho de castigo, que se isolava por um tempo e que orava, como mostram os dados da Tabela 22.

Tais comportamentos paternos vêm a demonstrar como os mesmos estão envolvidos na educação dos filhos, se atentando para comportamentos adequados e inadequados que os mesmos emitem. Nota-se a prevalência do diálogo utilizado pelos pais, como forma de corrigir os comportamentos dos filhos. Tal prática mostra-se efetiva na medida em que os pais não estão utilizando de punições físicas ou de agressões verbais para com os filhos, não transmitindo modelos inadequados (GOMIDE, 2004). O diálogo permite que a criança discrimine comportamentos adequados dos inadequados, para além de auxiliar na melhora do relacionamento e no vínculo afetivo entre pai e filho.

É importante ressaltar que muitos pais desta amostra necessitam de treinamento a fim de conseguirem discriminar os comportamentos dos filhos, assim como o manejo de comportamento. A Tabela 23 mostra as dificuldades que os pais sentiam para cuidar do filho.

Tabela 23. Dificuldades que os pais sentiam para cuidar do filho

Categoria	Frequência	(%)	Trechos ilustrativos
Dificuldade de comunicação com o filho	1	10,0	<i>“Sim, lidar com a teimosia dele, ele entende praticamente tudo o que falamos é muito inteligente, mas a comunicação é prejudicada devido ao atraso em sua fala. Ele também faz muita graça quando estou falando sério e fica difícil fazê-lo entender que não estou brincando.”</i>
Todos os aspectos	1	10,0	<i>“Em todos os aspectos.”</i>
Não tem dificuldades	8	80,0	

A maioria dos pais apontou que não sentia dificuldade em cuidar do filho. Os pais que sentiam dificuldades justificaram que as mesmas eram decorrentes do problema de comunicação do filho, pois muitas vezes o filho não entendia os comportamentos não verbais e verbais do pai, assim como a dificuldade de discernimento de que o pai estava falando sério ou brincando ou que as dificuldades eram decorrentes de todos os aspectos do filho, como mostram os dados da Tabela 23.

Apesar de grande parte das crianças dessa amostra apresentar problemas de desenvolvimento, nota-se que os pais não sentiam dificuldades no cuidar dos filhos. Provavelmente, esses pais, diante dos cuidados diários com seus filhos, aprenderam a cuidar dos mesmos, assim como a entender os comportamentos da criança. Além disso, percebe-se que essas famílias têm um alto envolvimento dos pais e das mães, o que favorece que as dificuldades no cuidar sejam amenizadas, pois traz maior segurança e apoio mútuo para ambos os pais (NUNES et al., 2008).

Experiências da paternidade

A Tabela 24 aponta o que os participantes sentiram em serem pais de crianças com deficiência.

Tabela 24. Sentimentos dos participantes de serem pais de crianças com deficiência

Categoria	Frequência	(%)	Trechos ilustrativos
Feliz	7	70,0	<i>“O pai mais feliz do mundo.”</i>
Despreparado	1	10,0	<i>“Me sinto despreparado psicologicamente.”</i>
Agradecido	1	10,0	<i>“Muito agradecido a Deus. Muitas e muitas vezes, antes de dormir, dou um espiadinha no quarto dele e penso e sinto o quanto é bom vê-los.”</i>
Mistura de sentimentos	1	10,0	<i>“É uma mistura de sentimentos, medos, incertezas, dúvidas, perguntas sem respostas...”</i>

A maioria dos pais apontou que sentia feliz por ter um filho com deficiência. Um pai disse que sentia despreparado, um pai agradecido e um pai relatou uma mistura de sentimentos, como mostra a Tabela 24. A literatura na área de família de crianças com deficiência enfatiza cada vez mais, que as famílias tendem a se adaptar diante das demandas de ter um filho com deficiência, conseguindo conciliar suas tarefas profissionais e familiares e lidar com o estresse advindo de tarefas desenvolvimentais. Por exemplo, segundo Correa e Serrano (2008), as famílias passam por diferentes necessidades ao logo do desenvolvimento do filho com deficiência, sendo que na idade pré-escolar tais necessidades estão relacionadas a medo de que a criança venha a ter algum problema, diagnóstico, procura de ajuda/tratamento e falar a outros familiares e aos irmãos acerca do problema. No entanto, cada família tem seu próprio percurso de desenvolvimento, sendo que o processo de adaptação e aceitação da deficiência do filho pode ser diferente para cada uma (DESSEN; COSTA, 2005; PANIAGUA, 2004).

Como já mencionado anteriormente, os sentimentos vivenciados pelas famílias são cíclicos, para cada fase de transição do desenvolvimento da criança (por exemplo, ingresso na escola, ingresso em um centro de estimulação precoce, etc.), alguns sentimentos podem retornar, como os de medo, insegurança, culpa, entre outros. Tais sentimentos tendem a ser passageiros (PANIAGUA, 2004) e podem ser ambíguos, ou seja, uma convivência com sentimentos positivos e negativos (SILVA; DESSEN, 2001). A Tabela 25 mostra a opinião dos pais de como a paternidade influenciou na vida deles.

Tabela 25. Influência da paternidade na vida dos pais

Categoria	Frequência	(%)	Trechos ilustrativos
Houve um crescimento/amadurecimento	5	50,0	<i>“Tive um crescimento, amadurecimento, você começa a enxergar os custos, os gastos, e eu sempre brinco assim, que temos que ter tempo para tudo, porque vivemos para os filhos.”</i>
Mudança financeira	2	20,0	<i>“Os desafios aumentaram bastante, pois dependemos apenas do meu salário, pois minha esposa deixou tudo para se dedicar aos cuidados dos filhos.”</i>
Sem influências negativas	1	10,0	<i>“Foi normal, não teve influência negativa.”</i>
Mudança na rotina	1	10,0	<i>“A rotina mudou em tudo...”</i>
Tomo mais cuidado com o filho	1	10,0	<i>“Não influenciou quase nada, só tomo mais cuidado com ele.”</i>
Pensa mais no filho	1	10,0	<i>“No trabalho eu fico pensando o dia todo nela, como ela está enfim...”</i>
Procura estar mais presente	1	10,0	<i>“... e quando estou em casa procuro ficar mais com ela.”</i>

Para metade dos pais, a paternidade acarretou no maior crescimento e amadurecimento. Além disso, 20,0% dos pais apontaram que a paternidade trouxe mudanças financeiras, como mostra a tabela acima. O amadurecimento surge com as novas vivências na rotina dos pais. De fato, para muitos pais, a paternidade vem acompanhada de maior responsabilidade pela família e melhora no repertório de enfrentamento de estresse e dos problemas que surgem no dia a dia (FREITAS et al., 2007). Na Tabela 26 consta a opinião dos participantes do que é ser um bom pai.

Tabela 26. Opinião dos participantes do que é ser um bom pai

Categoria	Frequência	(%)	Trechos ilustrativos
Educar, cuidar e orientar	8	80,0	<i>“...acompanha, orienta, constante, que está sempre orientando.”</i>
Estar presente	5	50,0	<i>“Um bom pai é aquele que está sempre presente...”</i>
Dar afeto, carinho e amor	2	20,0	<i>“Um bom pai é aquele que zela pelos filhos, dá carinho...”</i>
Corrigir e colocar limites	2	20,0	<i>“Um bom pai é aquele que convive com seus filhos, que os corrige, coloca limites...”</i>
Não deixar faltar alimento	2	20,0	<i>“Um bom pai é aquele....que não deixa faltar alimento em casa.”</i>
Não abandonar	1	10,0	<i>“É o pai que não abandona...”</i>
Dar exemplo	1	10,0	<i>“Um bom pai é aquele, que não faz as coisas erradas.”</i>

Segundo dados da Tabela 26, os participantes apontaram com maior frequência que ser um bom pai é: (a) educar, cuidar e orientar o filho; (b) estar presente; (c) dar afeto, carinho e amor; (d) corrigir e colocar limites no filho e (e) não deixar faltar ao filho. Essas opiniões dos pais vêm a afirmar o quanto tais pais estão envolvidos na educação e nos cuidados com o filho, pois apontaram comportamentos diretamente relacionados à vivência da criança e não a questões financeiras. Tais dados corroboram com outros estudos realizados em diferentes países (CIA; WILLIAMS; AIELLO, 2005; DUCH, 2005; LAMB, 1997; LEWIS; DESSEN, 1999). A Tabela 27 mostra o porquê que os pais se sentiam bons pais. Ressalta-se que nove pais se avaliaram como bons pais e um pai apontou que “às vezes” se sentia bom pai.

Tabela 27. Opinião dos participantes do porque se consideravam um bom pai

Categoria	Frequência	(%)	Trechos ilustrativos
Fazer coisas boas para o meu filho	2	20,0	<i>“Porque eu não bebo, não fumo, só ensino coisas boas para os meus filhos.”</i>
Preocupar com o filho	2	20,0	<i>“Porque me preocupo bastante com ele...”</i>
Procurar sempre melhorar	2	20,0	<i>“Porque essas qualidades que falei estou sempre procurando fazer e melhorar.”</i>
Ser presente na vida dos filhos	2	20,0	<i>“Porque com todos os meus defeitos e limitações, procuro fazer o melhor e ser presença na vida deles.”</i>
Aproveitar o tempo que tem para ficar com o filho	1	10,0	<i>“Sim, eu tenho pouco tempo para ficar com o V. trabalho o dia todo, mas o tempo que fico com ele é bem aproveitado.”</i>
Dar amor e cuidar	1	10,0	<i>“Porque procuro sempre dar amor, cuidar dele e passar coisas boas pra ele.”</i>
Pensar no bem do filho	1	10,0	<i>“Porque tudo o que faço é pensando nela, no bem dela.”</i>
Procurar dar apoio ao filho	1	10,0	<i>“...procuro sempre dar apoio, dar o melhor para eles.”</i>
Ser amigo do filho	1	10,0	<i>“Porque sou amigo dele...”</i>

Dentre os motivos que os pais apontaram que se consideravam como bons pais têm-se: fazer coisas boas para o filho, preocupar com o filho, procurar melhorar, ser presente na vida do filho, aproveitar o tempo que tem para ficar com o filho, dar amor e cuidar do filho, pensar no bem do filho, procurar dar apoio ao filho e ser amigo do filho, como mostram os dados da Tabela 27. Esses dados vêm a confirmar mais uma vez que tais pais estão se comportando como esperado pela nova paternidade (CIA, 2009; LAMB; BILLINGS, 1997). A Tabela 28 mostra a opinião dos pais sobre se eles se sentiam diferentes por ter um filho com deficiência.

Tabela 28. Opinião dos participantes sobre se sentiam-se diferentes por ter um filho com deficiência

Categoria	Frequência	(%)	Trechos ilustrativos
Não sente diferente			
Ser pai independe da condição da criança de deficiente ou não	3	30,0	<i>“Não, porque a deficiência não diz nada, o M. é ser humano igual aos outros sem deficiência.”</i>
Percebe um olhar diferente das pessoas, mas não se importa	1	10,0	<i>“Não, porque você percebe quando as pessoas olham diferente para o meu filho, mas eu não ligo para isso.”</i>
Se sente igual a outros pais	1	10,0	<i>“Não, porque não acredito que o fato de ser pai de uma criança deficiente seja motivo para me diminuir ou acrescentar em relação aos outros pais.”</i>
Tinha receio no começo, mas hoje é uma situação natural	1	10,0	<i>“Não, acho que o L. é uma criança praticamente normal, passeio na rua com ele, tudo normal. No começo, eu tinha um pouco de receio das pessoas ficarem olhando, mas hoje é tudo normal.”</i>
Trata o filho o mais normal possível	1	10,0	<i>“Não, porque sou pai que procuro tratar meus filhos os mais normais possíveis, eles participam de todas as atividades conosco e são criados no meio da sociedade como as demais pessoas.”</i>
Sente diferente			
Não frequenta qualquer lugar	1	10,0	<i>“Sim, eu não posso ir a todo e qualquer lugar com meus filhos ou sem meus filhos...”</i>
Tem receio de deixar o filho sozinho	1	10,0	<i>“Sim, só nos cuidados, os outros pais deixam os filhos mais livres, eu já me preocupo demais, tendo receio de deixá-lo sozinho.”</i>

Como mostram os dados da Tabela 28, a maioria dos pais apontou que não se sentia diferente por ter um filho com deficiência. Dentre esses pais, três deles considera que seus filhos são pessoas, como qualquer outra. Em contrapartida, dois pais apontaram que se sentiam diferentes por terem um filho com deficiência, sendo que para um, é porque não pode deixar o filho mais livre ou sozinho, enquanto o outro pai disse

que não podia ir a qualquer lugar com o filho. Dentre os 10 pais, dois deles apontaram que se sentiam diferentes por terem um filho com deficiência e oito pais apontaram que não se sentiam diferentes por terem um filho com deficiência.

Esse sentimento da maioria dos pais, de não considerar-se diferentes por ter um filho com deficiência, é importante para que consigam desempenhar plenamente o seu papel de pai, pois pais mais seguros são pais que transmitem mais afeto ao filho, assim como conseguem transmitir limites mais consistentes, aspectos essenciais para o desenvolvimento socioemocional dos filhos (BEE, 2008). Dois pais se sentiam diferentes, justificando principalmente o fato de não poderem realizar algumas atividades com seus filhos. De fato, dependendo da necessidade da criança, as mesmas não podem desenvolver algumas atividades, mas com orientação profissional, tais atividades podem ser substituídas, permitindo maior contato entre pais e filhos.

Vê-se a necessidade de os pais terem apoio e orientação para cuidarem de seus filhos com deficiência (BOLSANELO, 2008; DYSSON, 1997; FALKENBACH et al., 2008). O importante é que esses pais não tenham comportamentos de isolar seus filhos em casa, sem permitir que os mesmos tenham contatos sociais, por temerem que os filhos não consigam desenvolver determinadas atividades (BRITO; DESSEN, 1999), ou mesmo porque tenham um comportamento de superproteção (CORREA; SERRANO, 2008). A Tabela 29 mostra o que os pais achavam que fizeram de bom para seu filho.

Tabela 29. Opinião dos participantes do que fizeram de bom para seu filho

Categoria	Frequência	(%)	Trechos ilustrativos
Cuidar, dar o melhor	3	30,0	<i>“Cuidar dele quando ele ficou doente”</i>
Transmitir amor, carinho e tranquilidade	3	30,0	<i>“Dei carinho, amor, procuro não falar alto com ele, gosto de passar tranquilidade para ele.”</i>
Proporcionar atendimentos para melhorar o desenvolvimento do filho	2	10,0	<i>“Todos os atendimentos que ele teve para ajudar em seu desenvolvimento e a maneira como procuro lidar com eles em meio a sociedade em geral.”</i>
Adotar	1	10,0	<i>“Adotá-los, amá-los, inclusive quando é preciso dizer “não, assim não, assim pode.”</i>
Conceder a guarda aos avós	1	10,0	<i>“Acho que foi bom eu conceder a guarda dele para os avós maternos, já que não possuo condições financeiras para cuidar dele de maneira eficiente.”</i>
Conseguir vaga em uma instituição de ensino especial	1	10,0	<i>“Consegui uma vaga para ele, isso me deixou feliz, porque foi bom para ele.”</i>
Educar	1	10,0	<i>“Educar ela...ensinar o que é bom.”</i>
Permitir que o filho participe de qualquer situação	1	10,0	<i>“Não segurar muito ele em casa, sair bastante com ele, deixar ele participar de tudo o que vivemos, passeios, parques.”</i>

Todos os pais apontaram pelo menos um de seus comportamentos que consideravam que tinha sido bom para o filho. Dentre os comportamentos, os mais frequentes foram: cuidar/dar o melhor para o filho, transmitir amor/carinho/tranquilidade e proporcionar atendimentos para melhorar o desenvolvimento do filho, como mostra a Tabela 29. Com essas atitudes dos pais para com seus filhos, o faz ser um pai presente, um pai que se preocupa com o bem estar do seu filho e, principalmente, que quer oferecer o melhor para a criança. Sem esses cuidados, sem o afeto, o cuidar de um adulto, acaba dificultando essa criança de desenvolver a sua capacidade de confiar e de se relacionar com o outro (BEE, 2008). A Tabela 30 mostra a opinião dos pais do por que se consideravam importantes para o filho.

Tabela 30. Opinião dos participantes do porque se consideram importantes para o filho

Categorias	Frequência	(%)	Trechos ilustrativos
O filho vai precisar de um pai presente	4	40,0	<i>“Sim, porque ele sempre vai precisar de mim, vai sempre precisar de um pai presente.”</i>
Para ensinar coisas boas ao filho	2	20,0	<i>“Sim, porque os pais vão estar sempre perto deles, dando apoio e ensinando coisas boas para eles.”</i>
O filho gosta da presença paterna	1	10,0	<i>“Porque quando fico ausente por muito tempo, eles reclamam a minha presença, sente a minha falta e quando eu chego é uma grande alegria.”</i>
Para ajudar no que é preciso	1	10,0	<i>“Sim, porque eu participo bastante da vida dele, ajudo quando ele precisa, mais do que a mãe dele.”</i>
Para transmitir confiança ao filho	1	10,0	<i>“Sim, porque ela sente confiança em mim.”</i>

Como mostram os dados da Tabela 30, 40,0% dos pais se consideravam importantes para o filho porque acreditavam que o filho sempre irá precisar de um pai presente e 20,0% dos pais apontaram que são importantes para seus filhos para poder ensinar coisas boas. Grande parte das falas dos pais remete-se ao cuidado e a dependência do filho, ao longo da vida. Os pais, desde o nascimento da criança com deficiência tendem a se preocupar com o futuro dos seus filhos, principalmente em relação os cuidados, ou seja, quem cuidará do seu filho quando os pais morrerem. Esses sentimentos e essa preocupação são importantes para que os mesmos consigam planejar o percurso da vida do filho, mas ao mesmo tempo não pode ser um problema para os pais, não permitindo que os mesmos tomem decisões ao longo do desenvolvimento dos filhos (FALKENBACH; DREXSLER; WERLE, 2008; PENTEAN; SUGUIHURA, 2005; SILVA; DESSEN, 2007; SOUZA; BOEMER, 2003). Para isso não ocorrer, muitas vezes, esses pais necessitarão de apoio, no sentido de empoderá-los, a fim de que tomem decisões em relação a sua vida e a vida de seus filhos (ARAÚJO, 2004; WILLIAMS; AIELLO, 2004). Os dados da Tabela 31 mostram a opinião dos pais sobre o papel que terão na vida do filho.

Tabela 31. Opinião dos pais sobre o papel que desempenharão no futuro do filho

Categorias	Frequência	(%)	Trechos ilustrativos
Papel de apoio e cuidar	3	30,0	<i>“Vou sempre apoiar ele, cuidar dele sempre que puder.”</i>
Papel importante	2	10,0	<i>“O papel de pai é para a vida toda e tem sua importância até mesmo quando já não existimos para este mundo...”</i>
Ser exemplo para o filho	2	20,0	<i>“Acho que vou ser um exemplo para ele, de um pai trabalhador, humilde e dedicado.”</i>
De ser um bom pai	1	10,0	<i>“Papel de um bom pai, um bom cuidador, como sou agora.”</i>
De cuidador	1	10,0	<i>“Pelo desenvolvimento que ele está apresentando aí, ele vai ter uma formação boa, vai se relacionar bem com as pessoas, mas sempre vai depender da gente.”</i>

Como mostram os dados da Tabela 31, 30,0% dos pais apontaram que seu papel no futuro do filho será de apoio e cuidar, 20,0% apontaram que terão um papel importante na vida do filho, mas não especificaram qual o papel e outros 20,0% dos pais disseram que serão um exemplo na vida do filho. Através desses dados, vê-se que a preocupação em cuidar dos filhos faz parte das expectativas futuras dos pais, como na fala de um pai que relata que a criança sempre dependerá dos seus responsáveis. Esses pais provavelmente se sentem inseguros em relação à independência e autonomia dos seus filhos, tendo preocupações em relação ao cuidar, para além da vida adulta dos mesmos (GOÉS, 2006).

Opinião dos pais sobre a escolarização do seu filho

A Tabela 32 mostra a opinião dos pais sobre a escolarização do filho.

Tabela 32. Opinião dos pais sobre a escolarização do filho

Categorias	Frequência	%	Trechos ilustrativos
Escolarização boa	4	40,0	<i>“Acho boa, está se desenvolvendo bem na escola”.</i>
A instituição ajuda no desenvolvimento do filho	2	10,0	<i>“A instituição é muito importante, está ajudando muito no desenvolvimento dele.”</i>
Considera a instituição melhor que a escola comum	2	20,0	<i>“Na instituição ele se desenvolve e aprende melhor do que quando ele está na escola”.</i>
A escola oferece coisas boas	1	10,0	<i>“Acredito que a escola se esforça em oferecer coisas boas, apesar das dificuldades que apresentam.”</i>
Importante	1	10,0	<i>“Acho que é importante...É bem diferente, e na paralelo a escola especial onde ele estuda estou gostando sim, só seria melhor se fosse mais próximo da realidade dos EUA. ”</i>

Como mostram os dados da Tabela 32, 40,0% dos pais disseram considerar boa a escolarização dos filhos, destes 30,0% tinham filhos matriculados somente na escola comum e 10,0% tinha o filho matriculado em uma instituição de ensino especial. Dois pais disseram que a instituição de ensino especial era melhor que a escola comum, ambos os pais tinham filhos matriculados em um período na escola comum e outro período na instituição.

Outros dois pais, que tinham seu filho matriculado em uma instituição de ensino especial apontaram que a escola estava ajudando no desenvolvimento do filho. Um pai apontou que as escolas do filho ofereciam coisas boas para a criança, apesar das dificuldades que possuíam. O filho deste pai estudava na escola comum e no contraturno na instituição de ensino especial. Por fim, um pai achava que as escolas (instituição de ensino especial e escola comum) onde seu filho estudava eram importantes para o filho.

Com esses dados, pode-se verificar que a maioria dos pais está satisfeito com a escolarização do filho, esse estudando tanto na rede comum, quanto na instituição de ensino especial. A maioria dos pais salientou que seus filhos estão aprendendo e desenvolvendo-se na escola. Isso vem a reforçar a importância das crianças com deficiência frequentarem a escola comum e terem atendimentos necessários para

maximizar seu desenvolvimento, ou seja, receberem serviços de intervenção precoce o mais breve possível.

A educação infantil é importante para o desenvolvimento da criança, pois é a primeira etapa da educação básica, e que tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social (BRASIL, 1996).

Para além da educação infantil, a intervenção precoce nos anos iniciais é necessária, pois os primeiros anos de vida são críticos para o processo de desenvolvimento, principalmente para crianças que apresentam alguma deficiência (BOLSANELLO, 2008). Os primeiros anos de vida de uma criança são essenciais para a aprendizagem, pois nesse período ocorrem rápidas e importantes mudanças no desenvolvimento da criança. Assim, a criança precisa ter estímulos suficientes nos diferentes ambientes onde ela vive (BEE, 2008). Pelo contrário, se o ambiente não prover estimulação adequada, os efeitos são negativos para o desenvolvimento, podendo inclusive causar ou precipitar alguma deficiência (SCOCHI et al., 2009; SILVA; DESSEN, 2005). De acordo com dados da Secretaria de Educação Especial (BRASIL, 1995), cerca de 50,0% das crianças com NEE poderiam ter um desenvolvimento otimizado ou alcançar o nível de desenvolvimento esperado para sua faixa etária, se tivessem participado de um programa de intervenção precoce.

Vê-se que dois pais apontaram que a instituição de ensino especial oferece mais benefícios do que a escola comum. Os serviços oferecidos são diferentes nesses dois locais, no entanto, salienta-se a importância da escola comum aproximar os pais das atividades desenvolvidas no âmbito escolar. Muitos pais de crianças pré-escolares com deficiência deixam de matricular seus filhos ou tiram seus filhos da pré-escola, por temerem que não cuidem bem dos seus filhos e que não deem a atenção que necessita. Ou seja, as pré-escolas necessitam estreitar as relações que estabelecem com os pais, principalmente de crianças com deficiência, a fim de que juntos possam ter uma inclusão mais efetiva (PANIAGUA; PALÁCIOS, 2007). De fato, a inclusão só ocorre quando houver uma parceria entre a escola, a comunidade, a família e os alunos nelas envolvidos (CORREIA; SERRANO, 2008). A Tabela 33 mostra como era a relação do pai com a escola do filho.

Tabela 33. Opinião dos pais de como era a relação com a escola do filho

Categorias	Frequência	%	Trechos ilustrativos
Participativa	6	60,0	<i>“Sou bem presente nas duas escolas, vou sempre à reunião para saber como ele está aprendendo”.</i>
A avó que vai à escola	1	10,0	<i>“É mais a avó que vai na escola, saber das coisas dela.”</i>
Em uma escola é participativo em outra não	1	10,0	<i>“Na instituição eu levo ele todos os dias, então conheço a professora, converso com ela. A outra escola é a minha esposa que leva e ela entende mais sobre o dia a dia dele nessa escola”.</i>
Nenhuma relação com a escola	1	10,0	<i>“Nenhuma, pois é a minha esposa que vai sempre lá e participa mais.”</i>
Vai à escola quando solicitado	1	10,0	<i>“Apenas faço visitas periódicas na escola quando eles me chamam.”</i>

Como mostram os dados da Tabela 33, 60,0% dos pais tinham uma boa relação com a escola ou com as escolas que os filhos estudavam. Um pai apontou que participava mais de uma escola e que sua esposa participava da outra escola, um pai disse que só ia à escola quando solicitado e, por fim, dois pais apontaram que outros membros da família se relacionavam com a escola ou as escolas onde os filhos estudavam. Desse modo, a maioria dos pais e responsáveis tem uma relação participativa com a escola de seu filho. Sabe-se que para a criança ter sucesso nas atividades escolares, é importante a família ser incluída nesse processo de aprendizagem, podendo obter um trabalho colaborativo entre todos: escola, família e comunidade (FONTES, 2009).

Principalmente em casos de criança com NEE, os pais podem transmitir aos professores comportamentos da criança e informações de outros profissionais que irão auxiliar no processo de ensino aprendizagem da mesma e, conseqüentemente, no processo de inclusão.

A Tabela 34 mostra a opinião dos pais sobre o que gostariam que a escola oferecesse ao filho.

Tabela 34. Opinião dos pais sobre o que gostariam que a escola oferecesse ao filho

Categorias	Frequência	%	Trechos ilustrativos
A escola oferece o suficiente	3	30,0	<i>“Acredito que o que a escola vem oferecendo é o suficiente.”</i>
Profissional capacitado	2	20,0	<i>“Um profissional capacitado para cuidar melhor dessas crianças com deficiência.”</i>
Acessibilidade/Adaptação	1	10,0	<i>“Transporte, rampa, não tem adaptação nenhuma na escola. Uma bolsa escolar seria importante também, uma ajuda do governo”.</i>
Atenção para outras crianças	1	10,0	<i>“Atenção eu não diria, porque praticamente é um pouco voltada para o L., mas como tem outras crianças envolvidas também, às vezes ele não consegue acompanhar, e pode acontecer de ele ficar de lado. Isso pelo fato de ter muitas crianças que querem atenção, e as crianças acabam ficando com ciúmes da professora estar dando muita atenção ao L.”.</i>
Dentista	1	10,0	<i>“Então ele está reclamando de dor nos dentes, então seria importante um tratamento de dentistas para eles na instituição”.</i>
Eventos na escola	1	10,0	<i>“Mais eventos artísticos de noite, para poder ver o quão belo e pleno a criatura que porta necessidades especiais pode ser.”</i>
Mais paciência dos professores	1	10,0	<i>“A escola é muito boa, só tenho medo dos professores não terem paciência com ela.”</i>

Como mostram os dados da Tabela 34, 30,0% dos pais disseram que a escola já oferecia o suficiente ao filho. Destes pais, dois tinham filhos matriculados em instituição de ensino especial e um tinha filho matriculado na escola comum. Dois pais apontaram a necessidade de a escola oferecer profissional capacitado, ambos os pais tinham filhos matriculados na escola comum e no contraturno na instituição de ensino especial.

Um pai apontou que as escolas (instituição de ensino especial e escola comum) onde o filho estudava deveriam ter melhor acessibilidade, um pai apontou que a escola

deveria oferecer mais atenção para as demais crianças (o filho estava matriculado na escola comum), um pai apontou a necessidade de dentista na escola (o filho estava matriculado na instituição de ensino especial), um pai apontou a necessidade de eventos na escola (o filho estava matriculado na instituição de ensino especial) e, por fim, um pai apontou a necessidade de os professores terem mais paciência com o filho (o filho estava matriculado na escola comum).

Os pais demonstraram necessidades diversas, por exemplo, de profissional, de acessibilidade e de comportamentos dos professores. Tais necessidades mostram o quanto os pais de crianças com deficiência precisam de apoio e de que seus filhos e eles recebam atendimentos que atinjam o que realmente necessitam. Seria importante que os professores tivessem maior preparo para trabalhar com os alunos incluídos, além disso, a escola poderia ter maior acessibilidade, ou seja, garantir estrutura física mínima para que os alunos com deficiência pudessem se locomover. Por fim, os pais precisam ser ouvidos, para que possam apontar suas opiniões e para que a escola consiga trabalhar de acordo com as necessidades dos mesmos.

É importante a escola pensar em oferecer o melhor para o aluno, como por exemplo, no âmbito da educação o ensino necessita ser individualizado, não no atendimento, mas na elaboração dos objetivos, do processo de avaliação e também que o currículo seja adaptado de acordo com as necessidades dos alunos (BEYER, 2005). A Tabela 35 mostra a opinião dos pais sobre a inclusão.

Tabela 35. Opinião dos pais sobre a inclusão

Categorias	Frequência	%	Trechos ilustrativos
Importante para o desenvolvimento/socialização da criança	4	40,0	<i>"Acredito que isso é fundamental, porque se você olhar para ele é só uma deficiência física, e os preconceitos terão sempre, e se socializando desde pequeno com outras pessoas, isso melhora no futuro dele."</i>
Há um longo caminho a percorrer	1	10,0	<i>"Que ainda tem um longo caminho a percorrer, mas já é um começo e muito importante."</i>
Medo que outras crianças maltratem o filho	1	10,0	<i>"Quando ele está na escola comum eu tenho medo que as outras crianças judiem dele, então fico mais tranquilo quando ele está na instituição, porque lá ele tem mais atenção das professoras e aprende mais".</i>
Não existe inclusão na escola	1	10,0	<i>"Nem os "normais" estão incluídos, o que dirá os diferentes..."</i>
Não gosta da inclusão	1	10,0	<i>"Não gosto, temos medo que ele não saiba se defender."</i>
Necessidade de ter um profissional capacitado	1	10,0	<i>"Acho que os professores deveriam ser capacitados para lidar com pessoas com deficiência."</i>
Não respondeu	1		

Como mostram os dados da Tabela 35, 40,0% dos pais acreditavam que a inclusão era importante para o desenvolvimento e para a socialização dos filhos. Dois desses pais tinham o filho matriculado na escola comum e dois pais tinham o filho matriculado na escola comum e na instituição de ensino especial. O restante dos pais deu as seguintes opiniões sobre a inclusão: há um longo caminho a percorrer (o filho estava matriculado na escola comum e no contraturno na instituição de ensino especial), tem medo que as outras crianças maltratem o filho (o filho estava matriculado na escola comum e no contraturno na instituição de ensino especial), não existe inclusão na escola (o filho estava matriculado na instituição de ensino especial), não gosta da inclusão (o filho estava matriculado na instituição de ensino especial), necessidade de ter um profissional capacitado (o filho estava matriculado na escola comum).

Essas opiniões dos pais vão ao encontro com os dados da literatura, que mostram que, ainda, os pais de crianças com deficiência, em idade pré-escolar, temem em matricular seus filhos por medo de que os mesmos não sejam aceitos, bem cuidados ou mesmo por não considerarem que a escola irá atingir as necessidades da criança (MENDES, 2010; PANIAGUA, 2004). De fato, a educação infantil ainda é a fase onde poucas crianças são incluídas. Segundo pesquisas desenvolvidas com dados do INEP, ainda são poucas crianças nessa faixa etária com deficiência que estão matriculadas no ensino comum, quando comparadas com as crianças que são incluídas no ensino fundamental (BUENO; MELETTI, 2011). A Tabela 36 mostra a opinião dos pais se eles matriculariam seus filhos em uma escola comum.

Tabela 36. Opinião dos pais se eles matriculariam seus filhos em uma escola comum

Categorias	Frequência	%	Trechos ilustrativos
Sim, já está matriculado	7	70,0	<i>“Ele já estuda em uma escola regular desde os quatro anos.”</i>
Sim, futuramente	1	10,0	<i>“Com certeza sim, quando os médicos que acompanham ele me disserem que será possível ele acompanhar a escola regular, ele com certeza será matriculado.”</i>
Não	2	20,0	<i>“Não.”</i>

Como mostram os dados da Tabela 36, a maioria das crianças dessa pesquisa frequentava a escola comum. Um pai apontou que o filho será matriculado quando tiver a indicação do médico e dois pais apontaram que não matriculariam seu filho na escola comum. Diante dos resultados, a maioria dos pais matricularia ou já matriculou seu filho em uma escola da rede comum. A Tabela 37 mostra a opinião dos pais sobre a idade que matriculariam seu filho na escola comum.

Tabela 37. Opinião dos pais sobre a idade que matriculariam os filhos na escola comum

Categorias	Frequência	%
Está matriculado desde os 4 anos	4	40,0
Está matriculado desde os 3 anos	1	10,0
Está matriculado desde 1 ano	1	10,0
Está matriculado desde os seis anos	1	10,0
Futuramente	1	10,0
Não respondeu	2	20,0

Como mostra a Tabela 37, 40,0% das crianças foram matriculadas aos quatro anos de idade na escola comum. Além disso, uma criança foi matriculada com um ano e uma com três anos de idade. Considerando os dados dessa tabela e da tabela anterior, nota-se que nessa amostra, a maioria das crianças foi matriculada na escola comum. A inclusão traz benefícios para a criança incluída e para as demais crianças, desde que seja efetiva. Ou seja, se a escola conseguir trabalhar na diversidade e mostrar para os pais e para a comunidade os benefícios da inclusão pré-escolar (SEKKEL; CASCO, 2008).

Soma-se o fato que a educação infantil é a fase em que a criança aprende de forma lúdica, sobre os diversos aspectos da vida, sendo um ambiente promotor do desenvolvimento físico, emocional, cognitivo e social (BUJES, 2007; OLIVEIRA, 2010). Além disso, tais crianças podem receber o atendimento educacional especializado por meio da estimulação precoce, maximizando o processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança (BRASIL, 2008).

Senso de competência parental paterno

A Tabela 38 mostra o senso de competência parental paterno.

Tabela 38. Senso de competência paterno

Itens da escala PSOC	Média
Satisfação	
Embora ser pai possa ser gratificante me sinto frustrado em ser pai atualmente na idade em que se encontra meu filho.	5,75
Meus talentos e interesses estão em outras áreas, não em ser pai.	5,25
Ser pai me deixa ansioso e tenso.	5,00
Eu não sei por que, mas algumas vezes quando eu deveria estar no controle me sinto mais como se estivesse manipulado.	4,38
Meu pai estava melhor preparado para ser pai do que eu.	4,25
Algumas vezes me sinto como se não estivesse fazendo nada.	4,13
Se ser um pai de uma criança fosse simplesmente mais interessante me sentiria motivado a fazer um trabalho melhor como pai.	4,13
Eu vou para cama da mesma forma que eu acordo de manhã, sentindo que não realizei tudo que tinha para fazer.	3,88
Um problema difícil em ser pai é não saber se você esta fazendo um bom trabalho ou não.	2,63
Total do fator satisfação	39,13
Eficácia	
Ser um bom pai é em si mesmo gratificante.*	6,00
Eu honestamente acredito que tenho todas as habilidades necessárias para ser um bom pai para meu filho.*	5,75
Considerando o tempo em que sou pai me sinto completamente familiar com esse papel.*	5,50
Eu seria um ótimo modelo para um pai novo seguir para aprender o que ele necessita saber a fim de ser um bom pai.*	4,75
Eu alcanço minhas próprias expectativas por ser habilidoso em cuidar de meu filho.*	4,63
Os problemas de cuidar de uma criança são fáceis de resolver uma vez que você sabe como suas ações afetam seu filho/filha, uma compreensão que eu tenho adquirido.*	4,25
Ser pai é controlável e qualquer problema é facilmente resolvido.*	4,00
Se alguém pode encontrar a resposta para o que está causando o problema de meu filho, esta pessoa sou eu.*	3,88
Total do fator eficácia	39,38
Total da escala	78,50

Nota: A pontuação variou entre 1 ‘concordo totalmente’ e 6 ‘discordo totalmente’. Máximo de pontuação no fator satisfação = 54, no fator eficácia = 48 e total = 102.

*Computou-se os pontos de forma invertido.

Como mostram os dados da Tabela 38, os pais desta amostra, de modo geral, possuíam um senso de competência parental acima da média. No fator satisfação, que avaliava o quanto o grau de ansiedade, frustração e motivação dos pais, nota-se que os

pais demonstraram estarem de medianamente satisfeitos e satisfeitos com o seu papel de pai. Com uma média maior, os pais mostraram um senso de eficácia, ou seja, se sentiam competentes e capazes de resolver os problemas que envolviam a paternidade.

Quando analisa-se os itens separadamente, os pais demonstraram maior satisfação em relação a gratificação e a não frustração de serem pais, que dentre os seus interesses estão o ser pai e que ser pai os deixam ansiosos e tensos. Quanto ao fator de eficácia, tem-se como maior pontuação: ser um bom pai é gratificante, tenho todas as habilidades necessárias para ser um bom pai e que sente complemento familiar quanto ao papel de pai.

Tais dados mostram que os pais dessa amostra tinham um bom senso de competência parental. Esse senso favorece o envolvimento com o filho e o seu papel de pai, na medida em que se sentindo capazes de resolver problemas, eles tendem a vivenciar menos estresse e a conseguirem cumprir de maneira mais efetiva as diferentes tarefas do desenvolvimento deles e de seus filhos.

Considerações finais

Os objetivos deste estudo foram os de descrever o papel paterno de crianças pré-escolares com deficiência; analisar a opinião do pai sobre a inclusão pré-escolar e identificar o senso de competência parental de pais de crianças pré-escolares com deficiência. No que se refere ao primeiro objetivo, nota-se que os pais dessa amostra relataram ter um alto envolvimento nas atividades e nos cuidados com seus filhos. A maioria dos pais participava das atividades diárias e de lazer dos filhos, mas apontou uma alta participação das mães também.

Por exemplo, 90,0% dos pais apontaram que o nascimento do filho com deficiência não trouxe problemas, 50,0% dos pais apontaram que recebeu apoio da família para cuidar do filho, 70,0% dos pais disseram que participam de alguma atividade escolar do filho, 80,0% dos pais apontaram que não tinham qualquer dificuldade em cuidar do filho e a maioria dos pais apontou vivências/experiências positivas da paternidade. Esses dados dão indicativos que os pais dessa amostra estão se comportando como é esperado pela nova paternidade.

Quanto à opinião dos pais sobre a inclusão do filho, notou-se que a maioria deles é favorável em matricular seus filhos na pré-escola do ensino comum. De fato, 70,0% dos pais disseram que seus filhos eram matriculados na escola comum. Além disso, 40,0% dos pais apontaram que a inclusão é importante para o

desenvolvimento/socialização da criança, 70,0% dos pais opinaram sobre o que a escola deveria fazer para seu filho, no que diz respeito a ter uma inclusão mais efetiva e, por fim, 40,0% dos pais estavam contentes com a escolarização do filho. Em relação à competência parental, os pais tiveram um senso de mediano a mediano alto.

É importante salientar que apesar do alto envolvimento do pai em alguns aspectos do desenvolvimento dos filhos, muitos pais dessa amostra tinham baixa participação ou nenhuma participação nas atividades escolares do filho, assim como na realização de atividades domésticas.

Tais resultados devem ser analisados com cautela, uma vez que a pesquisa foi desenvolvida em um único município, com uma amostra restrita. Estudos com delineamento diferentes e amostras ampliadas seriam aconselháveis, a fim de obter maior generalização dos dados coletados.

Ressalta-se que tais dados são importantes para embasar intervenções educativas com pais de crianças pré-escolares com NEE, pois descrevem o envolvimento paterno e das redes de apoio que os mesmos têm, para exercerem seus papel de pai.

Referências

- ANHÃO, P.P.G.; PFEIFER, L.I.; SANTOS, J.L. Interação social de crianças com síndrome de Down na educação infantil. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 16, n. 1, p. 31-46, 2010.
- ARAÚJO, E.A.C. Parceria família-profissional em educação especial: Promovendo habilidades de comunicação efetiva. In: MENDES, E.G.; ALMEIDA M.A.; WILLIAMS L.C.A. (Orgs.). **Avanços recentes em Educação Especial**. São Carlos: EDUFSCar, 2004. p.175-178.
- BEE, H. **A criança em desenvolvimento**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- BERTOLINI, L.B.A. Funções paternas, maternas e conjugais na Sociedade Ocidental. In: BERTOLINI, A.L.B. (Org.). **Relações entre o trabalho da mulher e a dinâmica familiar**. São Paulo: Vetor, 2002. p. 27-31.
- BEYER, H.O. **Inclusão e avaliação na escola de alunos com necessidades educacionais especiais**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005.
- BUJES, M.I.E. Escola infantil: Pra que te quero? In: CRAIDY, C.; KAERCHER, G.E. (Orgs.). **Educação infantil: Pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 13-26.
- BRASIL. **Diretrizes educacionais sobre estimulação precoce**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 1995.
- BRASIL. **Educação Infantil – Saberes e práticas da inclusão: Introdução**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996.
- BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.
- BRITO, A.M.W.; DESSEN, M.A. Crianças surdas e suas famílias: Um panorama geral. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 12, n. 2, Porto Alegre, p. 1 – 11, 1999.
- BOLSANELLO, M.A. Desafios do atendimento de estimulação precoce na realidade brasileira. In: BOLSANELLO, M.A. (Org.). **Atenção e estimulação precoce**. Paraná: I Simpósio Nacional de Atenção e Estimulação Precoce, 2008.
- BRUNHARA, F.; PETEAN, E.B.L. Mães e filhos especiais: Reações, sentimentos e explicações à deficiência da criança. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 9 n. 16, p. 31-40, 1999.
- BUENO, J.G.S.; MELETTI, S.M.F. Educação infantil e educação especial: Uma análise dos indicadores educacionais brasileiros. **Revista Contrapontos – Eletrônica**, v. 11, n. 3, p. 278-287, 2011.

- CANHO, P.G.M.; NEME, C.M.B.; YAMADA, M. O. A vivência do pai no processo de reabilitação da criança com deficiência auditiva. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 23, n. 3, p. 261-269, 2006.
- CHACON, M.C.M. Família e escola: Uma parceria possível em prol da inclusão. In: MARTINS, L.A.R.; PIRESM J.; PIRES, G.N.L. (Orgs.). **Políticas e práticas educacionais inclusivas**. Natal: Edufrn, 2008. p. 309- 322.
- CHECHIA, V.A.; ANDRADE A.S. O desempenho escolar dos filhos na percepção de pais de alunos com sucesso e insucesso escolar. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 10, n. 3, p. 431-440, 2005.
- CIA, F. **Um programa para aprimorar o envolvimento paterno: Impactos no desenvolvimento do filho**. 2009. f. 347. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo, 2009.
- CIA, F.; PAMPLIN, R.C.O.; WILLIAMS, L.C.A. O impacto do envolvimento parental no desempenho acadêmico de crianças escolares. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 2, p. 251-260, 2008.
- CIA, F.; WILLIAMS, L.; AIELLO, A.L.R. Influências paternas no desenvolvimento infantil: Revisão de literatura. **Revista Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas, v. 9, n. 2, p. 225-233, 2005.
- COLL, C., MARCHESI, A.; PALÁCIOS, J. **Desenvolvimento psicológico e educação – Psicologia evolutiva**. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- COZBY, P.C. **Métodos de pesquisa em ciências do comportamento**. São Paulo: Editora Atlas, 2006.
- CORREIA, L.M.; SERRANO, A.M. Envolvimento parental na educação do aluno com necessidades educativas parentais. In: CORREIA, L.M. (Org.). **Inclusão e necessidades educativas especiais – Um guia para educadores e professores**. Porto: Porto Editora, 2008. p. 155-164.
- DEL PRETTE, Z.A.P.; DEL PRETTE, A. **Psicologia das habilidades sociais na infância: Teoria e Prática**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- DESSEN, M.A.; COSTA, A.L. **A ciência do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

- DESSEN, M.A.; SILVA, N.L.P. Deficiência mental e família: Uma análise da produção científica. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 10, n. 19, p. 12-23, 2000.
- DESSEN, M.A.; SILVA, N.L.P. A família e os programas de intervenção: Tendências atuais. In: MENDES, E.G.; ALMEIDA, M.A.; WILLIAMS, L.C.A. (Orgs.). **Avanços recentes em Educação Especial**. São Carlos: EDUFSCar, 2004. p. 179-187.
- DINIZ, G. Homens e mulheres frente à interação casamento trabalho: Aspectos da realidade brasileira. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). **Casal e família: Entre a tradição e a transformação**. Rio de Janeiro: NAU, 1999. p. 31-54.
- DUCH, H. Redefining parent involvement in Head Start: A two-Generation approach. **Early Child Development and Care**, v. 175, n. 1, p. 23-35, 2005.
- DYSSON, L.L. Fathers and mothers of school-age children with developmental disabilities: Parental stress, family functioning, and social support. **American Journal on Mental Retardation**, v. 102, n. 3, p. 267-279, 1997.
- FALKENBACH, A.P.; DREXSLER, G.; WERLE, V. A relação mãe/criança com deficiência: sentimentos e experiências. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 13, p. 2065-2073, 2008.
- FIAMENGHI, G.A; MESSA, A. A. Pais, filhos e deficiência: Estudos sobre as relações familiares. **Psicologia: Ciência e Profissão**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 236-245, 2007.
- FONTES, R. S. **Ensino Colaborativo - Uma Proposta de Educação Inclusiva**. Araraquara: Editora Junqueira, 2009.
- FREITAS, W.M.F.; COELHO, E.A.C.; SILVA, A.T.M.C. Sentir-se pai: A vivência masculina sob o olhar de gênero. **Cadernos de Saúde Pública**, Campinas, v. 23, n. 1, p. 137-145, 2007.
- GÓES, F.A.B. Um encontro inesperado: Os pais e seu filho com deficiência mental. **Psicologia: Ciência e Profissão**, São Paulo, v. 26, n. 3, p. 450-461, 2006.
- GOMES, A.J.S.; RESENDE, V.R. O Pai Presente: O desvelar da paternidade em uma família contemporânea. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 20, n. 2, p. 119-125, 2004.
- GOMIDE, P.I.C. **Pais presentes pais ausentes: Regras e limites**. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.
- GURALNICK, M.J. Effectiveness of early intervention for vulnerable children: A developmental perspective. **American Journal of Mental Retardation**, v. 102, n. 4, p. 319-345, 1998.

JOHNSTON, C.; MASH, E.T. A measure of parent satisfaction and efficacy. **Journal of Clinical Child Psychology**, v. 18, n. 2, p. 167-175, 1989.

LAMB, M.E. Fathers and child development: An introductory overview and guide. In: LAMB, M.E. (Org.). **The role of the father in child developmental**. New York: John Wiley & Sons, p. 1-18, 1997.

LAMB, M.E.; BILLINGS, L.A.L. Fathers of children with special needs. In: LAMB, M.E. (Org.). **The role of the father in child developmental**. John Wiley & Sons: New York, 1997. p. 179-190.

LAMB, M.E.; PLECK, J.H.; CHANOV, E.L.; LERNER, J.A. A biosocial perspective on paternal behavior and involvement. In: LANCASTER, J.B.; ALTMAN, J. (Orgs.). **Parenting across the life span: Biosocial dimensions**. Hawthorne: Aldine, p. 111-142, 1987.

LEWIS, C.; DESSEN, M. A. O pai no contexto familiar. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 15, n. 1, p. 9-16, 1999.

MACHADO, M.L.A. Contrastes entre práticas e políticas educativas para a educação infantil. In: CAPELLINI, V.L.M.F.; MANZONI, R.M. (Orgs.). Políticas públicas, práticas pedagógicas e ensino-aprendizagem: **Diferentes olhares sobre o processo educacional**. Bauru: Unesp/FC/Cultura Acadêmica, p. 28-29, 2008.

MARTURANO, E.M. Tensões cotidianas na transição da primeira série: Um enfoque de desenvolvimento. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 1, p. 79-87, 2008.

MATSUKURA, T.S.; MARTURANO, E. M.; OISHI, J.; BORASCHE, G. Estresse e suporte social em mães de crianças com necessidades especiais. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 13, n. 3, p. 415-428, 2007.

MENDES, E.G. **Inclusão marco zero - começando pelas creches**. Araraquara: Junqueira & Marin Editores, 2010.

MOYLES, J.R. **A excelência do brincar**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

NUNES, C.C.; SILVA, N.C.B; AIELLO, A.L.R. As contribuições do papel do pai e do irmão do indivíduo com necessidades especiais na visão sistêmica da família. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 24, n. 1, p. 037-044, 2008.

OLIVEIRA, Z. Pode-se falar em uma escola da infância. In: OLIVEIRA, Z. (Org.). **Educação Infantil - fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2010. p.55-70.

PANIAGUA, G. As famílias de crianças com necessidades educativas especiais. In: COLL, C.; MARCHESI, A.; PALACIOS, J. (Orgs.). **Desenvolvimento Psicológico e**

Educação – transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais, Vol. 3. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 330-346.

PANIAGUA, P.; PALACIOS, J. **Educação Infantil – resposta educativa à diversidade**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

PETEAN, E.B.L.; SUGUIHURA, A.L.M. Ter um irmão especial: convivendo com a Síndrome de Down. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v.11, n.3, p. 445 – 460, 2005.

SCOCHI, C.G.S.; FUJINAGA, C.I.; WEISS, M.C.; OLIVEIRA, J.P. Fatores de risco para o desenvolvimento infantil. In: OLIVEIRA, J.P.; BRAGA, T.M.S. (Orgs.). **Desenvolvimento infantil: Perspectivas de atuação em educação e saúde**. Marília: Fundepe Editora, 2009. p. 17-26.

SEKKEL, M.C.; CASCO, R. Ambientes Inclusivos para a Educação Infantil: considerações sobre o exercício docente. In: FRELLER, C.C.; DIAS, M.A.L.; SEKKEL, M.C. (Orgs.). **Educação Inclusiva: percursos na educação infantil**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. p. 19-39.

SEKKEL, M. C.; ZANELATTO, R.; BRANDÃO, S. B. Ambientes inclusivos na educação infantil: possibilidades e impedimentos. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 15, n. 1, p. 117-126, 2010.

SILVA, N.C.B. **Contexto familiar de crianças com síndrome de Down: Interação e envolvimento paterno e materno**. 2007. Dissertação de Mestrado em Educação Especial, Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2007.

SILVA, N.L.P., DESSEN, M.A. Crianças com e sem síndrome de Down: Valores e crenças de pais e professores. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 13, n. 3, p. 429-446, 2007.

SILVA, N.L.P.; DESSEN, M.A. Intervenção precoce e família: Contribuições do modelo bioecológico de Bronfenbrenner. In: DESSEN, M.A.; COSTA-JUNIOR, A.L. (Orgs.). **A ciência do desenvolvimento humano: Tendências atuais e perspectivas futuras**. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 152-167.

SILVA, A.M.; MENDES, E.G. Família de crianças com deficiência e profissionais: Componentes da parceria colaborativa na escola. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 14, n. 2, p. 217-234, 2008.

SILVA, N.C.B; AIELLO, A.L.R. Análise descritiva do pai da criança com deficiência mental. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v 26, n. 4, p. 493-503, 2009.

SILVA, N.L.P.; DESSEN, M.A. Deficiência mental e família: Implicações para o desenvolvimento da criança. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 17, n. 2, p. 133-141, 2001.

SILVA, N.L.P.; DESSEN, M.A. Síndrome de Down: Etiologia, caracterização e impacto na família. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 6, n. 2, p. 167-176, 2002.

SIMIONATO-TOZO, S.M.P.S.; BIASOLI-ALVES, Z.M.M.B. O cotidiano e as relações familiares em duas gerações. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 14-15, p. 137-150, 1998.

SOUZA, L.G.A.; BOEMER, M.R. O ser com o filho com deficiência mental- alguns desvelamentos. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 13, n. 26, p. 209-219, 2003.

WAGNER, A.; PREDEBON, J.; MOSMANN, C.; VERZA, F. Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 21, n. 2, p. 181-186, 2005.

WILLIAMS, L.C.A.; AIELLO, A.L.R. O empoderamento de famílias: O que é e como medi-lo. In: MENDES, E.G.; ALMEIDA, M.A.; WILLIAMS, L.C.A. (Orgs.). **Avanços recentes em Educação Especial**. São Carlos: EDUFSCar, 2004. p. 197-202.

Apêndice 1

TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Para os pais)

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**

Você está sendo convidado para participar da pesquisa **DESCREVENDO O PAPEL DO PAI DE CRIANÇAS PRÉ-ESCOLARES COM DEFICIÊNCIA**, sob responsabilidade da Profa Dra. Fabiana Cia. O motivo que nos leva a estudar esse tema é que o pai tem um papel importante no desenvolvimento do filho, sendo importante entender como ocorre o envolvimento paterno nos cuidados e nas interações com os filhos. Os objetivos da pesquisa são: (a) descrever o papel paterno de crianças pré-escolares com deficiência e (b) identificar o senso de competência parental de pais de crianças pré-escolares com deficiência.

Você foi selecionado porque atende aos seguintes critérios de seleção dos participantes da pesquisa: é pai de uma criança de quatro a seis anos, com deficiência. Sua participação não é obrigatória e a qualquer momento você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. A sua recusa na participação não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a escola na qual seu filho estuda.

Sua participação consistirá em responder, por meio de entrevista, algumas questões sobre o papel paterno e sobre o senso de competência parental. As perguntas não serão invasivas à intimidade dos participantes. As suas respostas serão transcritas no momento da entrevista. Todas as informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação em todas as etapas previstas no estudo.

O estudo implica em benefícios aos participantes e demais envolvidos com a área da educação especial, pois busca a compreensão acerca do papel e do senso de competência parental de pais de crianças pré-escolares com deficiência. Os resultados da pesquisa serão enviados para você e permanecerão confidenciais. Os dados coletados durante o estudo serão analisados e apresentados sob a forma de relatórios e serão divulgados por meio de reuniões científicas, congressos e/ou publicações, com a garantia de seu anonimato. A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço dos pesquisadores, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e a participação, agora ou a qualquer momento.

Profa Dra. Fabiana Cia

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos-SP – Brasil. Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: cephumanos@power.ufscar.br

Eu, _____, declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

São Carlos, _____ de _____ de _____.

Assinatura do Sujeito de Pesquisa

Prof. Dra. Fabiana Cia

Pesquisadora responsável pelo projeto

Departamento de Psicologia – UFSCar

Curso de Licenciatura em Educação Especial

Contato: Rod. Washington Luís, Km 235, - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil

Telefone: (16) 3351-9460/ (16) 8813-3917

E-mail: fabianacia@hotmail.com

Anexo 2

Entrevista de caracterização do papel do pai brasileiro na educação da criança com deficiência

Início : _____ Término: _____ Data: _____.

I-IDENTIFICAÇÃO

1. Figura paterna:

n°:

A) Biológico Padrasto avô Tio Vizinho Outro

B) Idade:

C) Escolaridade (ate que ano você cursou a escola)

D) Renda familiar

E) Estado civil: () casado () divorciado () solteiro

2. Criança:

A) Escola:

B) Data de nascimento:

Idade:

C) Tipo de deficiência:

II- CARACTERIZAÇÃO DO PAI

Em caso de pai que acompanha a criança desde a gravidez da mãe:

1. Como era sua vida (familiar, social, escolar, sexual, trabalho) antes da paternidade?

2. Em que contexto surgiu à gravidez (tipo de compromisso com a mãe, situação econômica, etc.)?

3. A mãe fez pré-natal? () Sim () Não O senhor a acompanhou? () Sim () Não

Se não: Por quê?

Se sim: Como?

4. O senhor participou da gravidez? () Sim () Não

Se sim: Como?

Se não: Por quê?

5. Como foi quando o senhor descobriu que seria pai de uma criança com deficiência?

6. Este fato lhe causou problemas? () Sim () Não
Se **sim**, quais?

7. Este fato lhe trouxe benefícios? () Sim () Não
Se **sim**, quais?

8. Como o senhor participou no preparo da chegada da criança em casa?

9. Como o senhor procurou ajudar nessa época?

Apoio recebido pelo pai em decorrência da deficiência do filho

1. Que tipo de apoio o senhor recebe em relação ao cuidado do seu filho(a) que lhe parece importante? Quem dá esse apoio?

2. O senhor recebe algum tipo de atendimento relacionado a deficiência do seu filho(a)? () Sim
() Não
Se sim, qual?

3. O senhor convive com outros pais de crianças com deficiência? O senhor recebe algum tipo de apoio dessa convivência?

Participação paterna na vida do filho com deficiência

1. Quem leva a criança ao médico?

2. O senhor toma parte nas decisões escolares da criança? Como?

3. O senhor toma parte nas práticas educativas da criança? Como? O que o senhor faz para ensinar o que é certo e errado ou o que pode fazer e o que não pode fazer?

4. Quantas horas por dia o senhor fica em casa? _____ Horas
Durante esse tempo, o que o senhor faz?

5. Quanto do tempo que o senhor está em casa o senhor passa com seu filho(a)? _____

6. Como o senhor gasta o tempo que passa com seu filho(a)?

7. O senhor é responsável na maioria das vezes por algum tipo de cuidado com a criança (alimentação, banho, por para dormir, etc.)? () Sim () Não
Se sim, quais?

8. O senhor brinca com seu filho(a)? () Sim () Não
Com qual frequência? () todos os dias () duas ou três vezes por semana () uma vez por semana () uma vez a cada 15 dias () uma vez por mês

9. Que atividades escolares faz com a criança?

10. Que atividades domésticas faz com a criança?

11. Que coisas a criança faz que o deixa contente?

12. Que coisas a criança faz que o senhor não gosta?

13. Como o senhor procura mudar isso?

14. O senhor sente dificuldades em cuidar de seu filho? () Sim () Não
Se sim, quais?

Experiências da paternidade

1. Como o senhor se sente sendo o pai dessa criança?

2. Como a paternidade influenciou na sua vida (trabalho / estudo, rotina, expectativas em relação ao futuro)?

3. Na sua opinião, como é um bom pai?

4. O senhor se considera um? () Sim () Não
Por quê?

5. O senhor se sente diferente dos pais cujos filhos não têm deficiência? () Sim () Não
Por quê?

6. O que o senhor acha que já fez para seu filho(a) que foi bom para ele?

7. O senhor se considera uma figura importante na vida do seu filho? () Sim () Não
Por quê?

8. Qual papel o senhor acha que terá na vida do seu filho(a) no futuro?

Opinião do pai sobre a escolarização do filho

1. O que você acha da escolarização do seu filho?

2. Como é o tipo de relação que o senhor tem com a escola do seu filho?

3. Existe algo que você gostaria que a escola oferecesse ao senhor ou ao seu filho, que ainda não oferece?

4. O que o senhor pensa da inclusão?

5. O senhor matricularia seu(ua) filho(a) em uma escola comum?

6. Se sim, com que idade? Porquê?
